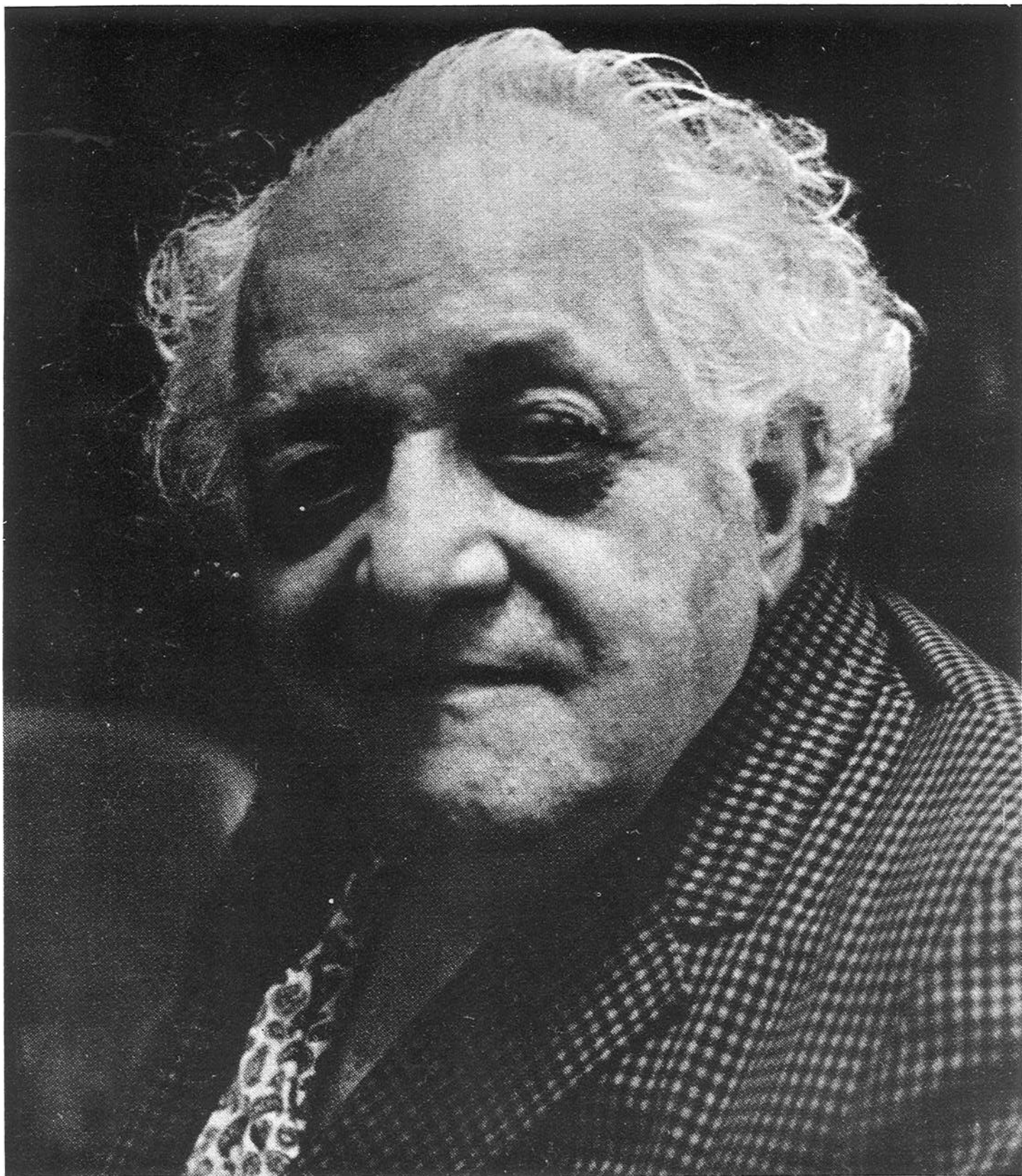


REVISTA DA FEBRAP

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICODRAMA

ano
numero 1





"Até agora, o autor tem traído o ator e o ator tem traído o espectador; aqui e agora, entretanto, todos se reuniram. Neste louco festival, provocado pela rebelião do público contra os autores e atores, deixo escapar a forma mais elevada de riso. É um drama que se criou através de uma inversão de si mesmo".
(J. L. Moreno — *Psicodrama*, pág. 52)

PSICODRAMA

- 3** Psicodrama: A Opção de “Encontro para o Adolescente em Crise
 - 7** O ato como elemento terapêutico
 - 9** O sonho visto pelo Psicodrama
 - 11** Uma ideia prática do Psicodrama (Com cinco exemplos)
 - 15** Psicodrama e Dialética
 - 19** O Psicodrama da Esfinge
 - 25** Conselho estabelece normas para funcionamento de cursos
 - 27** Carta ao Leitor
 - 30** Livros: Indicações
-

Arte: Ruy Pereira — Miriam Straus

Capa: Detalhe de Arte Moderna — Tela de Ivald Granato — Tinta Acrílica 1.20 X 92 — 1977

Ilustrações: Vera Rodrigues

Fotocomposição: Contexto — Fotolito Reprotécnica — Impressão S.B.R.

Produção Gráfica: Alberto Passos — Revisor: Orlando Fukuda

Distribuição: Osvaldo da Costa Pepe — Correspondência: Granato's

Production: Av. Rebouças, 1840 - 4º andar - Tel.: 280-9989 - S. Paulo — Cep 05402 — Brasil — preço de venda avulsa Cr\$ 70,00 — os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.



IVALD GRANATO/MASSAO OHNO/EDITORES

EDITORIAL

Eis o nº 1, ano I da Revista da Febrap.

Nosso objetivo é oferecer ao público interessado, uma revista especializada, de leitura esteticamente atraente dentro dos padrões gráficos contemporâneos, que seja um estímulo para o trabalho dos profissionais, uma oportunidade de informar e informar-se, que seja um veículo de divulgação do movimento psicodramático brasileiro.

PSICODRAMA — teatro - vida - psique - homem - ação - criação - resultado. Jogo - dramatização. Sociometria - Tele - relação. Momento - espontaneidade - veleidade - capacidade - encontro - reencontro.

PSICODRAMA — arte de tornar as pessoas capazes de se curar; método de pesquisa social e terapia grupal — contribuição de Moreno à psicologia e sociologia.

Introduzido no Brasil em experiências mais ou menos isoladas, a partir da década de 50, em 1968, com a criação do Grupo de Estudos de Psicodrama de São Paulo, sua divulgação toma grande impulso mobilizando grande número de psicólogos, psiquiatras e educadores, possibilitando em 1970 a realização do V Congresso Internacional de Psicodrama no Brasil, em S. Paulo.

De lá para cá, sua utilização vem modificando o relacionamento psicoterapêutico, professor-aluno, a rotina de muitos hospitais e instituições em vários pontos do país.

E do desejo de integração dos psicodramatistas, nasceu a Febrap e esta Revista.

Em torno de sua edição, uma equipe começou a se estruturar formada por psicodramatistas, jornalistas, gráficos e artistas plásticos. Os artigos deste número foram escolhidos dentre os que nos foram enviados por critério de distribuição temática e geográfica. Nossa idéia é também preparar matérias especiais para a revista.

Escrevam-nos, mandem seus trabalhos acompanhados de uma foto e data de nascimento, enviem sugestões.

O próximo número será dedicado ao 1º Congresso Brasileiro de Psicodrama. Até lá.

Lais Machado

Psicodrama: A Opção de "Encontro para o Adolescente em Crise"

O Psicodrama tem uma função importante para adolescentes em conflito, que passam por crises duradouras ou não. A adolescência é a fase intermediária entre a fase infantil e a adulta, exatamente quando o ser humano sofre as maiores modificações no seu processo vital, do nascimento à morte. Seu início está nitidamente demarcado com a puberdade, que é uma característica filogenética, portanto, geneticamente programada, e sofrendo poucas influências do meio ambiente. Este início independe do próprio controle.

O fim da adolescência já não é tão nitidamente demarcado, porque além da característica filogenética, interfere a ontogenética, que depende, principalmente, do meio ambiente. Assim, apesar de filogeneticamente estar já adulto, em termos físicos, o "adolescente" pode ainda não ter atingido a maturidade em termos psíquicos, afetivos, sociais e/ou econômicos.

O Psicodrama visa o encontro. Encontro, segundo Moreno, significa estar junto, unir-se, estar em contato corporal, ver e observar, sentir e compartilhar, amar, compreender-se, conhecer intuitivamente através do silêncio ou do movimento, da palavra ou do gesto, tornar-se "um". O encontro é o resultado de uma relação télica. Tele consiste no sentimento e conhecimento real de outras pessoas. Tem dois aspectos: 1) *Psicológico ou empatia* que é o responsável pelas reciprocidades e que implica na correta percepção do outro e do próprio sentimento em relação ao outro; 2) *Psicopatológico ou transferência* que é o responsável pelas eleições desacertadas que se produzem quando não se está em contato com o outro real senão consigo mesmo, confundindo o outro com figuras do mundo interno.

Relação télica é objetiva e construtiva, portanto, saudável. Relação transferencial é subjetiva, portanto, doentia. Quanto mais o adolescente tiver a capacidade télica desenvolvida, maior será a sua capacidade de encontro, portanto, mais saudável ele será.

A relação transferencial sendo repetitiva, não é espontânea. Onde não há espontaneidade não há criatividade. Segundo Moreno, espontaneidade é uma resposta adaptada a uma nova situação, ou resposta original a uma situação antiga. Criatividade é a essência, dinâmica da evolução, do progresso.

Adolescente é um ser humano em crescimento, em evolução para atingir a maturidade bio-psico-social. É nesta fase que ele mais necessita ser criativo. Para ser criativo, precisa ser espontâneo. Para ser espontâneo precisa tomar conhecimento de si mesmo, e seus potenciais, dos seus próprios sentimentos, das suas dificuldades, enfim, objetivar a si mesmo. Também é nesta fase que mais ele precisa se relacionar com outras pessoas, promover encontros, produtos de relações télicas. Isto é possível à medida que diminuem as relações transferenciais. Assim, além de objetivar-se, ele objetiva o outro.

Antes de chegar à puberdade, a criança ainda praticamente continua com a sua matriz de identidade inalterada. O átomo social mais importante da criança ainda é o núcleo familiar. A matriz de identidade da criança é basicamente a continuidade personificada da psicodinâmica familiar. Portanto, não há grandes pontos de atrito porque a criança, ainda não tendo suficiente autonomia para escolher o que fazer, aceita o que os pais propõem. Estes escolhem suas roupas, seus horários de estudo, e muitas vezes, até os companheiros para brincar nos fins de semana. Estes companheiros não são de sua livre escolha, mas filhos, de mesma idade, dos amigos dos seus pais. Tudo para ela geralmente já vem resolvido pelos pais, de tal sorte que a participação da criança nas decisões familiares é mínima. Se a criança tem vontades diferentes, ela ainda não tem recursos suficientes para fazer valer a sua escolha. Quando tem recursos, é barrada pela autoridade materna ou paterna, ou qualquer outro elemento que represente o poder. Estudar é uma ordem superior e a criança geralmente aceita como uma obrigatoriedade sua.

Porém, o surgimento da puberdade escapa do poder dos pais ou da própria criança, porque é uma característica filogenética do ser humano. Antes da puberdade a criança dentro de suas limitações mantinha um equilíbrio interno entre a sua mente, o seu corpo e a sua percepção do ambiente. A partir da puberdade estas três áreas se modificam. A mais nítida modificação se opera na área corpórea, quando surgem caracte-



rísticas sexuais secundárias. Em pouco tempo a força física também duplica. Na área mente, a maior modificação se passa ao nível do pensamento que da lógica concreta dos objetos passa a operar com proposições verbais ou simbólicas, portanto, abstratas. Assim, o adolescente tem possibilidade de manipular idéias, em lugar de limitar-se a manipular objetos. Esta novidade tão fascinante e importante para o púbere pode passar despercebida pelos seus pais.

Enriquecido com este novo processo mental, o adolescente amplia muito a sua percepção do ambiente que o cerca. Ao mesmo tempo, estimulado pelo crescimento físico e estabelecimento definitivo de suas características sexuais secundárias, o ambiente passa a se relacionar diferentemente com ele.

Enquanto criança, as figuras paternas estavam internalizadas em regular equilíbrio, com ou sem conflitos. Com todas estas modificações que ocorrem simultaneamente, o adolescente percebe os pais diferentes dos pais internalizados, porque os vê com mais detalhes, já fazem hipóteses sobre a vida deles, não mais aceita plenamente o que os pais dizem. Questiona os poderes, as normas da casa, tenta escolher o seu próprio caminho, estabelece relações com pessoas que são dos seus interesses. Nem sempre os pais aceitam estas modificações. Julgam o filho como um ingrato aos esforços deles, egoísta e mal educado, quando não o taxam de problemático ou doente. Surge o conflito. Os filhos escapam dos seus contrôles, porque buscam

os próprios caminhos. E assim procuram cumprir a sua existência que não corresponde às expectativas dos seus pais. Assim o adolescente perde a tranquilidade anterior para começar a luta pela sua autonomia.

Quanto ao seu próprio corpo, o adolescente também tem que se reformular, porque agora tem características diferentes, funções sexuais que antes não existiam. Aquele corpo de criança e todo o seu significado é uma perda definitiva, porque não volta jamais. Além disto o adolescente tem que se encontrar com o seu novo corpo, suas novas sensações e implicações. Mesmo dentro das condições ambientais as mais favoráveis, o adolescente passa por períodos muito difíceis, que podem ou não necessitar de ajuda.

O adolescente pode estar numa situação equilibrada e tranqüila com a sua mente, o seu corpo e o seu ambiente. Ao ganhar um novo elemento, racional, sensitivo ou material, ele passa daquela para uma nova situação, que pode ser reequilibrada, ou provocar grandes sofrimentos, até conseguir se reorganizar. À passagem, com sofrimentos entre duas situações, dá-se o nome de crise. Como o adolescente está em franca evolução, na procura ativa de sua própria identidade, ele passa por incontáveis situações que resultam também em incontáveis períodos críticos. Estas crises podem ser avaliadas quanto à sua intensidade de sofrimento, à sua durabilidade, e quanto ao espaço ocupado pelo adolescente (sentimento, tempo e espaço).



As crises podem ser pouco, bastante ou muito sofridas. São pouco sofridas quando comprometem o papel envolvido na crise. Por exemplo: Sofre uma desilusão afetiva, mas continua desempenhando o papel de aluno, relacionando-se bem com a sua turma e a sua família. São crises bastante sofridas quando acomete outros papéis, além do papel envolvido. Por exemplo: Sofre uma desilusão afetiva e diminui sensivelmente a produção nos papéis que pertencem a outros contextos como escola, turma, família, etc... São crises muito sofridas quando acomete todo o seu ser impedindo-o de qualquer atividade. Por exemplo: Sofre uma desilusão afetiva e se isola de tudo e de todos quer física, quer psicologicamente. O sofrimento é proporcional ao número de papéis comprometidos na crise.

O critério da durabilidade é avaliado em termos cronológicos. Mas não é este o critério que tem mais importância para o adolescente, porque a sua vulnerabilidade ao sofrimento afetivo não se manifesta através do tempo, mas pela intensidade do sofrimento. Assim, a desilusão efetiva pode trazer um "sofrimento eterno" para aquele momento. O eterno, o "nunca mais vou gostar de outra pessoa" é válido para aquele momento ou período de sofrimento que, uma vez ultrapassado, assume outras dimensões. Como relatava uma adolescente que brigou com o seu namorado: "Briguei para sempre. Nunca mais vou olhar para aquele idiota." Esta situação definitiva durou uma semana, quando voltaram a namorar. No momento crítico, aquele

sofrimento real é sentido como uma eternidade e o que vale para ele é o tempo vivencial e não o cronológico. Raramente o adolescente sofre durante meses por uma crise. Mas é como se sofresse em semanas, dias ou horas aquela mesma crise. Tanto que para o adolescente em crise o seu "tempo parece que não passa, que tudo dura um século."

O adolescente pode também traduzir as suas crises espacialmente, avaliadas em termos de espaço ocupado por ele. Este espaço pode ser representado pelo limite do seu próprio corpo, pelo espaço que seu corpo ocupa, pela distância que ele tem que vencer para atingir o seu objetivo. Diferentemente do adulto que tem mais condições de enfrentar as crises, o adolescente pode somatizar os sofrimentos ou manifestá-los corporalmente. Na manifestação limite do seu próprio corpo, parece que a parte interna centrada na região umbilical, puxa a parte externa e as extremidades para o interior. Seus braços, suas pernas, seu pescoço, coluna dorsal parecem encurtar-se em direção ao umbigo. É como se o espaço que o circundasse também o comprimisse e o espaço acima de sua cabeça pesasse e o pressionasse contra o solo. Na segunda forma, o espaço que o corpo dele ocupa é o menor possível, como se toda a sala empurrasse o adolescente para um dos seus cantos. Neste canto, ele se sente menos vulnerável, suas costas estão defendidas e apoiadas pelas paredes. Ao mesmo tempo percebe com o olhar tudo o que acontece nesta sala. Sentado no canto, com as pernas



dobradas sobre o peito, cabeça apoiada nos joelhos, braços cruzados à frente, abraçando as pernas, o adolescente expõe muito pouco o seu corpo, lembrando a defesa de um tatu bola.

Na terceira forma, para o adolescente se locomover é penoso e pesado, e o que antes era próximo, agora é distante. Prefere andar menos, esticar menos os braços. Encolhido num canto da poltrona, às vezes, o adolescente assiste a um programa de televisão sem interesse, porque está com "preguiça" de se movimentar para mudar de canal. Uma adolescente ao ter que se defrontar com a sua família após uma sessão de terapia assim descreveu o seu percurso para casa: "Saí da terapia segura de mim, cabeça alta, bons pensamentos na cuca, peito cheio e passos grandes, quase correndo. Mas à medida que ia me aproximando de casa, minha cabeça começou a pesar, fui ficando encucada, meu coração apertava e os passos ficavam cada vez mais pequeninos, quase parando. Parecia que não iria conseguir chegar em casa nunca."

Assim como o adolescente é vulnerável aos sofrimentos, ele é sensível ao prazer, ao sucesso, e os usufrui intensamente. Na falta de um nome já sancionado e reconhecido para designar estes períodos, vou dar o nome de momento de sucesso. Assim como o momento de crise, o momento de sucesso é usufruído pouco, bastante ou muito intensamente. Um sucesso insufla o ego do adolescente não só no papel envolvido no sucesso, como também em papéis usados em outros contextos. Disse um jovem para a sua turma: "Agora sim, vou ser um bom filho, vou estudar bastante e pedir em namoro aquela 'mina' que estou paquerando, porque ganhei uma moto." No momento de sucesso o que vale é o tempo existencial e não o cronológico: "Ganhei a 'mina', estou 'transando numa boa', estamos le-

vando 'numas de casar'." Este namoro durou duas semanas. Terminaram porque os pais dela não a deixaram passar um fim de semana com ele. Outra adolescente relata o seu encontro com o seu namorado: "Demorou um século para vir, não namoramos um minuto e ele teve que ir para casa." No momento de sucesso o adolescente parece que não cabe dentro do seu próprio corpo, ocupa toda a poltrona, a sala é pequena demais e nada é distante, tudo é possível; até parece que flutua.

Assim como um fracasso leva o adolescente ao "baixo astral", um sucesso deixa-o "numa boa". É importante para o adolescente que seja ouvido e valorizado não só nos momentos de crise mas também nos momentos de sucesso, porque ele está aí, no fracasso ou no sucesso.

Quando as condições ambientais não são favoráveis à adolescência, que por si mesma já é um período difícil, fica comprometido o amadurecimento que na maioria das vezes ocorre de modo insatisfatório. Uma das finalidades do psicodrama de adolescentes é ajudá-los a encontrar seus próprios caminhos, para eles mesmos serem responsáveis pelas suas existências. Para tal é preciso que eles se objetivem em termos de seus pensamentos, sentimentos, potencialidades, pretensões, etc..., isto é, conheçam mais de si mesmos para não atribuir aos outros o que é seu. Assim objetivados, os adolescentes passam a objetivar também os outros, conseqüentemente estabelecem relações télicas, conflitivas ou não. Quanto maior a capacidade de relações télicas, maior a salubridade do adolescente. Quanto mais existirem relações transferenciais, o adolescente estará mais bloqueado para a maturidade, porque não vê o outro e sim a si mesmo, portanto, maior a sua doença.

Içami Tiba



O ato como elemento terapêutico

O paciente em psicoterapia individual, pode ser abordado terapeuticamente pelo enfoque verbal e/ou dramático. Antes de qualquer característica o que marca na evolução do homem é a ação. Ela explode no ser humano como uma necessidade em cumprir a condição humana.

Moreno diz que o recém nascido tem "fome de atos". Eles são manifestações de espontaneidade, respondendo a um mundo novo de forma eficiente. Na nossa cultura, o agir não tem o valor que lhe é peculiar e, classicamente, na psicoterapia tem valor secundário.

Determinadas posturas induzem as pessoas a vivenciarem emoções correspondentes. Movimentos rápidos, cerrar os punhos, gritar, favorecem as emoções de raiva. Leveza nos movimentos, lentidão e sussuros podem despertar afetos amorosos. Na abordagem dramática, ou seja, de ação, o foco de atenção está também e, principalmente, no agir.

A psicoterapia nasce dentro de um momento histórico-filosófico dualístico no qual a dicotomia sujeito-objeto é o elemento principal, seja inter ou intra-pessoalmente. Desta forma, para que o paciente fale de suas emoções, deve objetivá-las através do processo intelectual e, assim, o terapeuta a recebe por via igual mas inversa, isto é, ouve, entende, sente, e o paciente será interpretado ou assinalado, pelo mesmo caminho em sentido contrário: o terapeuta sente, pensa e fala para o paciente. Este ouve, pensa e tenta modificar um sentimento. Se além de falar o paciente faz, se experimenta, encontra mais um caminho para o processo terapêutico. Nessa situação, o terapeuta tem a função de facilitar, através de cenarizações, que o paciente se sin-

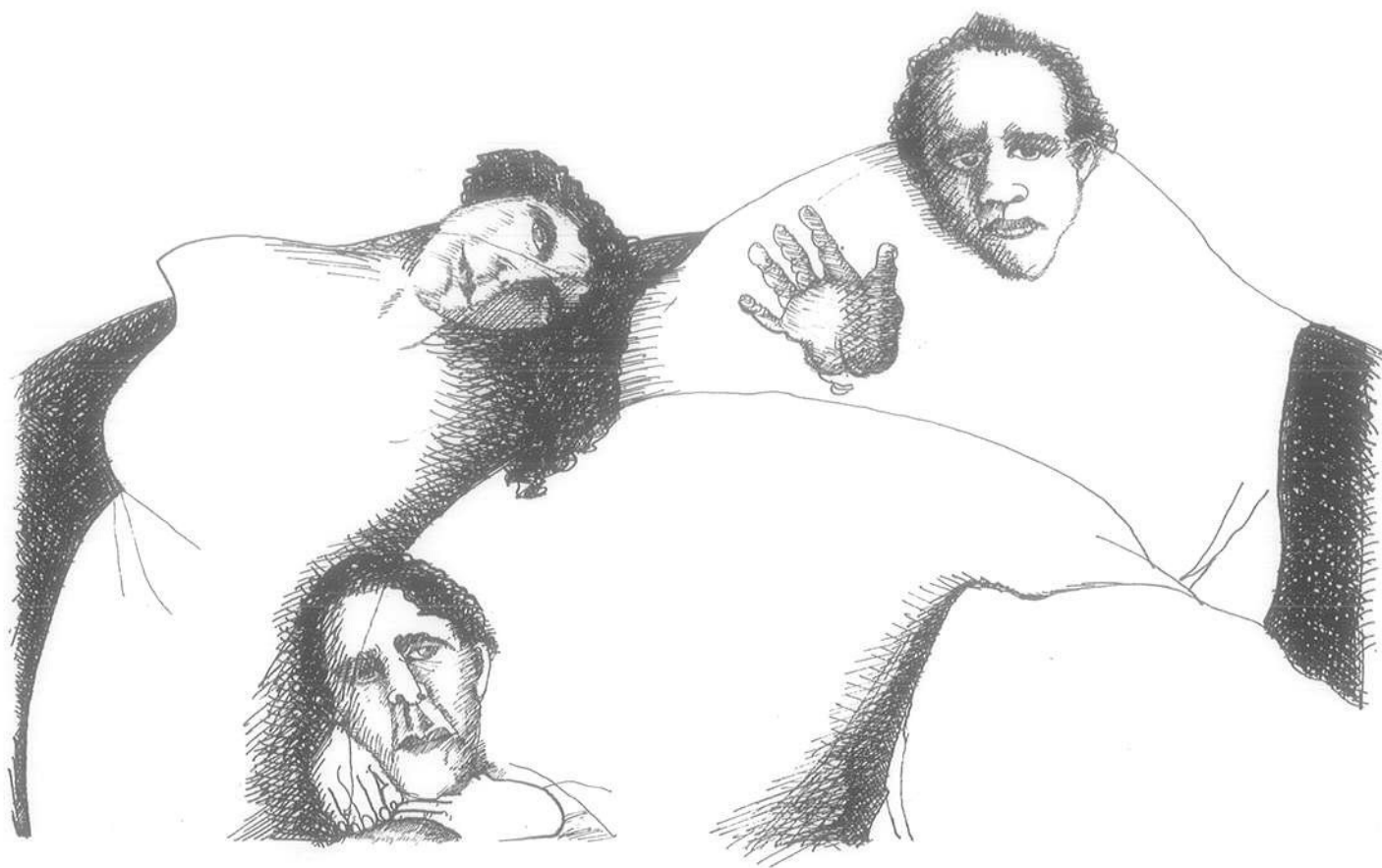
ta, se descubra e se integre. Considerando o exposto, a psicoterapia que acrescenta o ato no seu processo, aumenta suas possibilidades terapêuticas.

No Psicodrama Bipessoal o paciente fala de algo que sente, o terapeuta o ajuda a concretizar em imagens. Ele vê esta imagem simbólica montada, descreve-a como imagem plástica, produto daquele momento, experimenta-se nela jogando e falando nos papéis.

Como exemplo, pode-se tomar o relato de um paciente referindo-se a sua família, seus vínculos e relações. Tomando almofadas, cada uma representando determinada pessoa, montará a família, dispondo-as de tal forma que representem os elementos de suas relações, formando assim um verdadeiro sociograma plástico.

Feita a imagem, pode-se pedir ao paciente que tome distância e descreva sua obra, contando porque dispõe as almofadas desta ou daquela maneira e as suas significações. A seguir que se experimente em cada um dos papéis, se relacionando e interagindo com todos os elementos da família, representados por almofadas, por vezes, só no corporal, ora acrescentando o verbal. Enriquece o trabalho quando, numa próxima etapa, o mesmo fala a partir de cada papel, expressando o seu perceptual em relação aos seus familiares.

O comentário final já agora fora do "como se", permite ao paciente que fale da experiência vivida e, ao terapeuta, que comente fatos não percebidos por aquele. Neste processo descrito existem várias situações de insight ou mecanismos de cura. O fato de uma pessoa poder fazer uma imagem plástica de sua família, distanciar-se e descrevê-la, permite que se veja como está inserido nela, uma vez que, na sua família real, não se visualiza por estar incluído nela.



O interatuar com cada um, a postura corporal e o fazer, permitem vivenciar, relembrar e reviver momentos historicamente significativos, os quais resgatados, são integradores e terapêuticos. Desempenhando o papel dos outros, exercita a possibilidade de ser o "tu" ou "ele" da relação e, dessa forma, compreender o efeito de sua conduta sobre terceiros.

O recurso do "como se", permite que todas as pessoas, de quem se fala, possam "vir" para a sessão e "expressar" o que pensam e sentem do paciente, uma vez que, a este, tem significação o "como lhe parece ser" das pessoas. O mesmo artifício facilita o trabalho em campo relaxado e protegido, possibilitando a diminuição de suas resistências. Os citados mecanismos de cura parecem ser suficientes para os objetivos deste trabalho, embora o número deles seja maior.

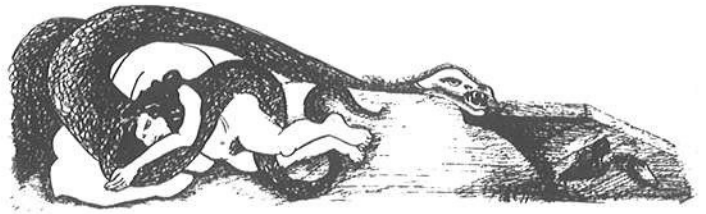
O Psicodrama Bipessoal é um recurso terapêutico do qual se pode lançar mão na terapia dual, sempre

que existir indicação, avaliada pelo terapeuta treinado no uso do instrumento, e que o paciente possa e queira fazê-lo.

A relação dual é primária e, às vezes, o paciente não suporta uma terceira pessoa na relação - o ego auxiliar. Desta forma o psicodrama indicado é o bipessoal. Este psicodrama tem limitações que só o ego auxiliar pode superar, no entanto, é uma técnica que independe de outro profissional e é economicamente mais acessível.

Ainda quanto ao ato, é a expressão mais genuína do ser humano impregnado de emoções, enquanto prolongamento do corpo. É necessário que se capacitem técnicos que aproveitem estas manifestações, na psicoterapia, enriquecendo-a e propiciando uma abreviação no tempo de tratamento.

Nélio Antonio Seminotti



O sonho visto pelo Psicodrama

"O senhor analisa os sonhos das pessoas. Eu procuro dar-lhes coragem para que sonhem de novo." (Palavras de Moreno a Freud, no breve encontro de Viena).

Os sonhos têm sido objeto de atenção e preocupação de todos. De acordo com as épocas e contextos têm variado as significações e os valores a eles atribuídos. Estas significações e valores só começaram a ter um cunho científico a partir de Freud e sua obra "Interpretação dos Sonhos". Talvez o aspecto místico das antigas concepções dos sonhos como revelações proféticas de entidades fantásticas, deuses ou demônios, tenham gerado as consideráveis resistências em fazer deles alvo de estudos e meio de trabalho psicoterápico.

Mesmo que pouco tenha sido acrescentado aos sonhos, ultimamente, em termos de teoria explicativa, nos atrai neles, particularmente, a carga vivencial com que se apresentam, indicando uma ligação significativa de seus conteúdos com as experiências de vida de cada um, ficando os sonhos inseridos nas nossas biografias, já que fantasia é também uma forma de experiência, por vezes mais rica e emocionalmente mais impregnada.

Partimos do princípio, segundo o qual, durante o sono há uma continuidade da consciência o que nos é sugerido pelos exemplos clássicos da mãe que só acorda com o choro de seu filho e fica alheia a outros ruídos, bem como do indivíduo que é despertado na hora certa por seu "relógio interior". É uma questão de grau de consciência que não fica inteiramente abolida durante o sono.

Sendo o sonho, numa ótica moreniana, uma produção espontânea por excelência e, numa visão freudiana, uma mensagem simbólica, ele representa, do ponto de vista doutrinário, um ponto crucial dentro da Psicologia. O trabalho psicodramático incidindo sobre estas duas vertentes pode se desenvolver de forma bastante eficaz. O sonho é a produção psíquica que emerge em condições de maior "pureza" com menor participação dos mecanismos repressores, psicanaliticamente, e, do ponto de vista psicodramático, em campo relaxado.

A desvinculação da produção onírica aos princípios da lógica, do tempo, do espaço etc. a libera dos limites do dia a dia vivido, conferindo a ela características da mais pura espontaneidade. Daí seu valor psicodramático, mesmo porque ela oferece todos os elementos para uma dramatização, símbolos, situações, vivências, histórias, etc., surgindo tudo do "âmago" do protagonista. A abordagem psicodramática desta produção alcança possibilidades terapêuticas que incluem os mecanismos conhecidos de interpretação, catarse, insight, etc., mas vai além.

A técnica psicodramática objetiva levar o sonhador a reproduzir seu sonho, em lugar de tentar analisá-lo a partir apenas de seu relato verbal e associações. Distinguímos várias fases:



A primeira se desenvolve no espírito de quem sonha (é o próprio ato de sonhar) ao vivenciá-lo. Nesta fase ele é o único a efetuar o aquecimento, e único a participar da produção como autor, ator e observador. Não conta com egos auxiliares ou objetos. A segunda fase se desenrola no contexto psicodramático. Aí o sonhador passa a reproduzir, com o diretor e os egos auxiliares, seu próprio sonho. O que uma interpretação oriunda do terapeuta poderia esclarecer é revelado, imediatamente, na dramatização, pelas ações do próprio sonhador. Seus atos lhe aclaram sobre os mecanismos que se desdobram em seu próprio psiquismo. Oportuniza-se a recolocação dos afetos sobre as imagens oníricas que lhes correspondem para, imediatamente, vincular aos objetos da realidade interna e externa as cargas afetivas que no sonho revestem os símbolos. Na terceira fase se incita o protagonista a prolongar seu sonho no tablado, agregando-lhe as associações emergentes. Encoraja-se o mesmo a ressonhar e conduzir o sonho a um fim que lhe pareça apropriado; a sobrepular pela criação espontânea os mecanismos e dinamismos que o produziram, podendo chegar a uma profunda e intensa integração da emoção ao plano da realidade, que assim se torna mais rica e plena.

Os sonhos como as vivências psicóticas (delírios e alucinações, por exemplo) podem ser considerados como verdadeiras "vivências paralelas". A dramatização destas experiências tende a fazer com que a linha

vivencial onírica ou delirante, que era paralela, passe a se confundir com a linha vivencial da realidade do aqui e do agora, ao plano das coisas experimentadas e aceitas. Na dramatização dos sonhos não deixam de ocorrer as interpretações mas elas surgem pelo insight psicodramático e de maneira consensual.

EXEMPLO

Uma paciente relatou, numa sessão de psicodrama grupal, que tinha "tendências homossexuais" mas que nunca havia tido relações sexuais deste tipo, a não ser em sonhos. Foi então dramatizado um desses sonhos (escolhido pela paciente). A montagem da cena feita e a ação dramática que se seguiu mostraram que a relação sexual do sonho se "transfigurou" em um verdadeiro encontro no sentido buberiano. Disse que se sentia bem como nunca, podendo se relacionar tão intensamente com alguém, tal como sempre desejou que acontecesse entre ela e sua mãe. A idéia de que ela buscava realmente mais as pessoas do que o "sexo proibido" (homossexual) a fez sentir-se aliviada ao mesmo tempo que fazia a sessão se deslocar do sonho para a realidade de sua relação com a mãe, passando a ser o tema da sessão, em continuação.

Na realidade, a potencialidade de recursos que o sonho oferece ao ser abordado no contexto psicodramático, deixa abertas muitas possibilidades de uso como meio valioso de terapia.

José F. Sastre e
Paulo R. L. Rodrigues



Uma ideia prática do Psicodrama (Com cinco exemplos)

Aqui, uma ideia prática do Psicodrama, o que pode ser considerado impossível se formos inteiramente fiéis à filosofia de Moreno. O Psicodrama não se "conta", mas se vive no "momento" e no "aqui e agora". Estes cinco exemplos, de diferentes situações e diferentes tipos de dramatização são narrados de forma "seca"; é um simples relato dramático, sem os comentários dos protagonistas e do grupo.

O "exemplo 1" trabalha, ao mesmo tempo, uma situação pessoal (da protagonista) e grupal. Ao tempo dessa dramatização, o grupo ao qual pertencia a protagonista vivia situação de medo da loucura, mais especificamente: temiam as manifestações emocionais de um elemento do grupo que "as vezes parecia louco". A partir dessa dramatização que se segue, o grupo pode elaborar o medo de "sujar-se" com o outro, o medo de pegar (por contaminação) a doença do outro. **EXEMPLO 1:** Dramatização realizada em um grupo de psicoterapia psicodramática. A protagonista (*P*) queixa-se de sentir-se muito mal ultimamente. Terapeuta (*T*) pergunta o que mais particularmente gostaria de dramatizar. *P* responde que vem tendo "manias que a atormentam":

Cena I: Alguns dias atrás, à noite, na hora de dormir. *P* monta seu quarto e entre outros móveis coloca sua cama e a da irmã. Uma moça do grupo é convidada por *P* para ser sua irmã. *P* deita-se (em solilóquio): Sefá que está tudo em ordem? — Será que o quebra-luz está bem desligado? Pode pegar fogo na

casa. Tenho que levantar para verificar mas estou tão cansada! Não quero levantar, mas tenho. Tem uma coisa que me obriga a levantar. Sei que está apagado, mas tenho que levantar. *T* pede que ponha alguém (do grupo) em seu lugar (jogando seu papel) e que seja tal "coisa" (inversão de papéis) que faz com que levante. A "coisa" pega *P*, força-a a levantar-se e verificar se o quebra-luz não está pegando fogo.

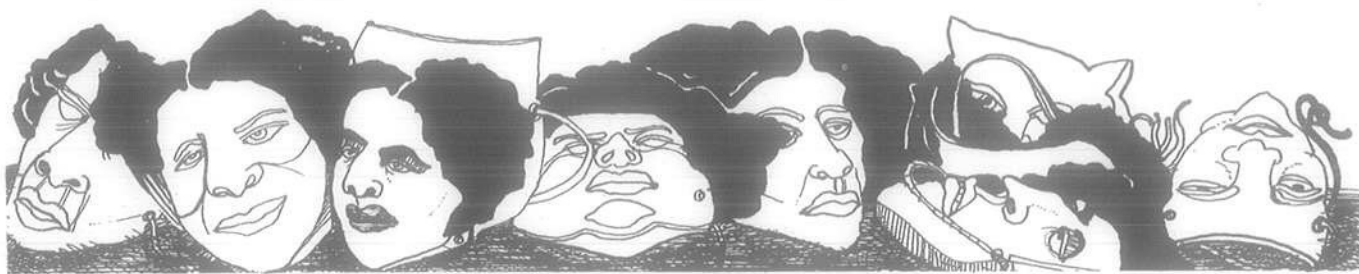
— *P*: Queria ficar deitada, está tão gostoso na cama. Será que não posso descansar, ficar relaxada?

— "Coisa": Não, não pode. Imagine ficar relaxada! Tem que ir olhar se está pegando fogo (Sacudindo *P*). Como pode descansar se essa (apontando) sua irmã está com sífilis!

P volta ao seu papel e no diálogo com a "coisa" informa que desde que soube da sífilis da irmã sente-se mal.

Cena II: Dia em que sabe o diagnóstico da irmã. A cena passa-se na sala de espera de um consultório médico. A irmã (desempenhada por *P*) sai do consultório e informa com um ar de desdém: "É sífilis. *P* volta ao seu papel repetindo-se a cena. *P* fica — diz que aquilo é como se atirassem algo nela. Pede-se que inverta papéis novamente e que concretize o "algo" que é atirado nela. A irmã (desempenhada por *P*) pega uma almofada e começa a esfregá-la no corpo inteiro de *P* (desempenhado pelo ego-auxiliar), dizendo:

— "É sífilis, é sífilis. Vou te sujar inteira. Você que é santinha, a certinha da família. Vou te deixar igual a mim."



Desinversão de papéis: *P* volta ao seu papel e o ego-auxiliar joga a irmã.

— *P*: Sua vagabunda, você não tem vergonha. Você está sujando toda a família. Você não tem responsabilidade.

P e irmã lutam violentamente. A irmã continua esfregando a sujeira nela. O clima emocional é intenso.

— *Irmã*: Eu ando com qualquer um e você com ninguém. Você tem vontade mas não tem coragem. Você dá uma de moralista mas gostaria de ser como eu.

P fica perplexa. Passa a chorar, inicialmente sozinha mas depois abraçada à irmã.

Cena III: Retorna a cena inicial, no quarto. Irmã dormindo ao lado de *P* que deitada, diz sentir-se aliviada, como se tivesse tirado um grande peso de si.

EXEMPLO II: Manejo psicodramático de relação transferencial. Dramatização regressiva. No início da sessão o cliente *E* confessa querer parar a psicoterapia. Quando o grupo indaga o motivo fica um pouco confuso. À medida que fala vai se delineando situação específica com o Terapeuta (*T*). *T* não gostaria dele o suficiente para que sua psicoterapia chegue a bom termo. Acredita que no final da última sessão isso teria ficado claro para ele.

Cena I: Última sessão do grupo. *E* reconstitui (vivência subjetiva), dramaticamente o diálogo entre ele e *T*. *T*. (desempenhado por *E*, inversão de papéis) fazendo solilóquio: — É melhor mesmo que *E* pare a terapia. Afinal de contas não gosto muito dele. Quer dizer, gostar gosto, mas não muito. Esta atitude é concretizada com ar de desprezo e um leve empurrão em *E* desempenhado por um elemento do grupo). *E* diz sentir-se triste. *T* pede que localize no corpo onde está mais intensa a tristeza. Põe a mão no peito. Deixando outra pessoa no seu lugar concretiza a tristeza, passa a ser sua própria tristeza. Estabelece-se diálogo entre *E* e "tristeza". Em um ponto "tristeza" diz: É assim mesmo, velho. Estou aqui de novo. É melhor você se mandar enquanto é tempo, antes que eu aumente. Lembra-se do que aconteceu na firma X."

Cena II: Firma X — há 2 anos. Gabinete do Chefe. Inverte os papéis com o chefe. Chefe (em solilóquio): — Esse camarada só cria problemas. Hoje ele vai ter uma surpresa. Chefe (para *E*): — Queria comunicar-lhe que está despedido. A concretização corporal desta cena passa-se com o chefe pegando *E* pelas

pernas, levantando do solo e empurrando com o pé, jogando-o fora (interessante que há 2 anos, quando este fato ocorreu em realidade, *E* racionalizou no grupo que ficara contente por ter sido despedido, apresentando mesmo uma atitude hipomaniaca). *E* fica no chão e em solilóquio, vivendo agora sua dor, faz conexão com situação de infância.

Cena III: *E* com 7-8 anos, brincando na calçada de sua casa. Pai chega e passa a bater nele. *Pai*: — Isso é para você aprender a não bater em mulher (refere-se ao fato de *E* ter batido na irmã). No chão, chorando *E* diz que é sempre uma injustiça o que fazem com ele. Nesta posição temos a chave para a cena seguinte.

Cena IV: *E* com 3-4 anos no quarto dos pais, à noite. O pai foi pescar. Dorme com a mãe na cama do casal. O pai chega inesperadamente (a chuva impedira a pescaria). Pai (desempenhado por *E*) começa a gritar com a mãe: — Quantas vezes já lhe disse que não quero o menino em nossa cama. Pega *E* de forma brusca, tira-o da cama do casal e coloca-o no berço. Mãe (desempenhada por *E*) refere não gostar do marido, "ele não é um homem para mim". Continua casada por seus princípios, não se permite separar-se. Perguntada por *T* qual o motivo de trazer *E* para a cama do casal, responde sentir-se muito só. Sente também uma grande necessidade de proteger mais esse filho.

T: — Por que essa necessidade?

Mãe: — Não sei. É diferente dos outros. É o mais novo. Sempre foi muito doentio. Ele era para não ter nascido.

T: — Como assim?

Mãe: — Eu não queria. O casamento ia mal. Ter mais um filho seria pesado. Além disso meu marido estava muito mal financeiramente, tinha falido.

T: — A senhora pode me levar para essa época?

Quando *T* e *E* iam passar a cena, *E* diz estar com medo de dramatizá-la, "tem medo de ficar louco." *T* responde que poderão parar se ele quiser mas que sente-se tranquilo para continuar. *E* concorda. A cena *V* cai nos domínios da "realidade suplementar" de Moreno, ou seja, podem até ser situações não acontecidas mas que possuem a vivência da realidade.

Cena V: No ventre da mãe, 2-3 meses de gravidez. A cena é representada com a mãe (ego-auxiliar) sentada, de pernas abertas. O nenê (*E*) está deitado no

colo, a cabeça encostada na barriga da mãe. O pai está perto. Sucessivas inversões de papéis com a mãe e com o pai traduzem que a mãe não quer a gravidez. Corporalmente esta situação é concretizada com a mãe empurrando a criança com ambas as mãos. O pai diz-se indiferente. "Uma boca a mais ou menos para alimentar não faz diferença". No momento decisivo, a mãe decide que nascerá, que será um homem, um homem fabuloso, será um homem que não pode encontrar no marido. Coloca enormes expectativas no filho que são concretizados como peso em suas costas.

E: — Não quero nascer. Quero morrer. A nascer assim prefiro morrer.

A situação é tensa. O resgate psicodramático de cargas positivas nas figuras internalizadas dos pais torna-se difícil. Mesmo com a subdivisão da figura materna em mãe que rejeita e mãe que deseja o nascimento, pois esta última determina uma expectativa de desempenho muito pesada.

Quem poderia ajudá-lo? Ninguém, responde.

E: — Quero morrer, quero sumir.

T: — E como você vai fazer?

E: — Livra-se do peso das expectativas da mãe (concretizadas como um peso corporal) empurra a mãe e o pai e joga-se num canto da sala, ali permanecendo em silêncio.

Após algum tempo o ego-auxiliar toma o lugar de E e este permanece ao lado de T. E olha para si mesmo. T e E conversam sobre aquela criança abandonada solitária (E trabalha atualmente com crianças, muitas delas carentes). E vai aproximando-se da criança, toma-a nos braços, e passa a acariciá-la.

Inversão de papéis: fica no lugar da criança (ele mesmo). Diz que gostaria de gente perto.

T: — Quem?

E: — Você.

T: — Aproxima-se. E abraça-o emocionado e é correspondido.

EXEMPLO III: Trata-se de dramatização acontecida em psicoterapia individual. Após um razoável silêncio inicial, a cliente diz não ter o que falar. Sente-se "nervosa" desde que chegou ao consultório. T conversa sobre o "nervosismo". Sugere que adote a postura de seu "nervosismo" e que tente localizá-lo corporalmente. Está localizado mais nas pernas e coxas. Senta no chão, abraça os joelhos e fica encolhida. T pede que aumente (maximização) a pressão dos braços sobre as pernas e que deixe fluir seus pensamentos.

Cliente (C) conta estória de um menino que está abandonado em uma rua de movimento. Passa-se à dramatização. Cliente faz marcações com objetos de cenário: a rua, prédios e em um canto o menino abandonado. Passa a desempenhar o papel do menino. T conversa com ele. Conta que fugiu de casa porque os pais não gostam dele e que não tem para onde ir.

T: — Por que fala escondendo o rosto?

E C: — porque se eu mostro o rosto você poderá não gostar de mim. Então prefiro me esconder a correr o risco de não ser gostado.

O diálogo continua nessa linha.

Inversão de papéis: T como menino e C como uma transeunte, conversando com o mesmo.

Menino: — Escondo o rosto porque tenho medo que me achem feio e não gostem de mim.

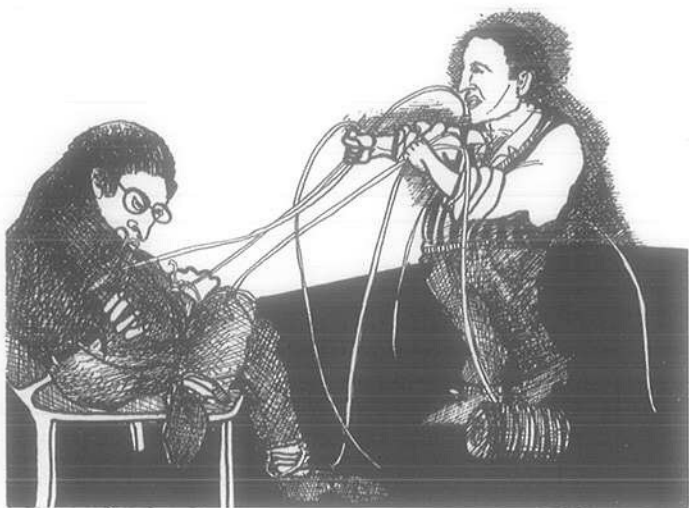
Transeunte: — Insiste para que o menino mostre o rosto, inicialmente com carinho mas logo depois com irritação: — Olha, realmente eu não posso dizer que gosto de você porque também não posso te conhecer, se você se esconde o tempo todo. E esse teu medo, esse nhã, nhã, nhã me irritam.

Retorno aos papéis. Quando termina a dramatização C transpõe por si só a situação dramática para a sessão (o medo de mostrar-se, de não ser aprovada, de correr riscos e não ser gostada, mas também de não ser gostada como gostaria na medida em que não se revela para sua vida.

O diálogo segue, a partir do "insight" dramático para outros níveis.

EXEMPLO IV: Este é um exemplo de dramatização grupal. Levanta um aspecto de dinâmica grupal e mostra também uma faceta premonitória. Trata-se de um grupo velho, ou seja, cuja estrutura básica (elementos integrantes) existe há cerca de 4 anos. Três elementos masculinos falam freqüentemente no término de suas psicoterapias. Passa a surgir um clima constante de eminência de perdas grupais mas ninguém sai.

Em uma oportunidade dramatiza-se situação em que o grupo estaria fazendo uma viagem de trem. Vão todos conversando durante o trajeto. De tempos em tempos o trem faz suas paradas nas respectivas estações. A viagem desenvolve-se de forma tranqüila quando abruptamente um dos rapazes desce, em uma das



estações. Vai para o fundo da sala e lá permanece cabisbaixo, triste. Sua saída precipitada faz com que mais dois elementos masculinos saltem nas paradas seguintes.

A viagem prossegue com 4 mulheres e mais elementos masculinos sem expressão sociométrica grupal. Logo após a saída dos 3 elementos masculinos, as 4 combinam descer do trem e descem juntas.

A dramatização "radiografia" grupal permite a elaboração verbal da dinâmica do grupo, posicionamento pessoal de cada elemento quanto à perspectiva psicoterápica. Nos meses seguintes, exatamente na mesma ordem em que saltaram do trem, os 3 rapazes param a terapia.

Segue-se um período de mais ou menos um ano, quando foram introduzidos vários homens que abandonam precocemente o tratamento. O núcleo forte do grupo passa a ser constituído pelas 4 mulheres que as vezes funcionam como matriarcado grupal. Uma das moças, em período de crise situacional, passa a fazer psicoterapia individual. Entra outra mulher que rapidamente se "enturma" — o núcleo feminino mantém-se intacto.

O grupo resolve tentar novos elementos masculinos: são introduzidos 3 homens. Algumas sessões após a entrada dos mesmos, sem que tivessem combinado nada previamente, em uma mesma sessão, as 4 mulheres param a psicoterapia grupal.

EXEMPLO V: Dramatização progressiva (futurização). Uma ex-paciente (E.P.) procura-me para algumas sessões, antes de uma viagem ao México onde iria visitar um irmão, refugiado político lá. Combina-se psicodrama individual (equipe terapêutica constituída por Diretor e um ego-auxiliar, no caso).

Traz um medo que subitamente a tomou de empreender a viagem.

Dramatização da viagem.

Despedidas do marido e dos filhos, no Aeroporto. Começa a sentir um medo vago que vai se intensificando à medida que se aproxima do avião. Concretiza-se o medo. Ego-auxiliar joga o papel da protagonista e esta seu medo. O medo pega-a, de leve, na garganta e peito e diz que o avião vai cair. O avião vai cair! Voltando ao seu papel diz que o avião já está caindo. A partir daí E.P. vai dando uma cadeia de significantes que a levam de cena em cena com o resultado que se verá.

O avião cai. Todos os passageiros morrem, menos ela. Fica na selva, perdida, até que é encontrada por tribo de negros — está na África. Torna-se líder política da tribo, da região e da África. Seus familiares descobrem-na pelos jornais (seria famosa) e escrevem para que volte. Não voltará. Sente saudades dos filhos mas em compensação é dona de uma sensação de liberdade e de grande realização pessoal através da política.

Nos comentários E.P. comenta que se sentiu bem podendo estar só e sendo política — "foi como se eu fosse uma nova pessoa" (identidade desejada mas bloqueada pelo medo: medo de viajar, medo de mudar, medo de morrer, medo de viver). E.P. ia visitar, na realidade, o irmão gêmeo, ex-militante político no Brasil, com quem mantinha toda uma dinâmica competitiva. Invejava a coragem do irmão e ao nível da fantasia do jogo dramático suplantava-o em importância. Estava viajando em meio a um sério conflito conjugal (desejava separar-se do marido) que pelo que se viu talvez não fosse somente conjugal, mas sim mais amplo.

José de Souza Fonseca F.^o



Psicodrama e Dialética

À primeira vista, pode parecer estranha e, até certo ponto, vã qualquer tentativa de se pesquisar as relações entre o psicodrama e a dialética. Afinal, segundo o próprio Moreno, o psicodrama seria uma retomada do existencialismo de Kierkegaard, cujo combate e oposição à filosofia hegeliana são conhecidos por todos nós. Dentro desta perspectiva, posto o existencialismo de um lado e a dialética hegeliana de outro e, colocando-se o psicodrama como um elo da primeira corrente, seríamos levados a afirmar, num primeiro momento, uma relação de total oposição entre o psicodrama e a dialética. A este ponto de vista poderíamos, inclusive, acrescentar outros argumentos. Afinal, a dialética propõe-se a descrever as articulações lógicas imanentes ao processo histórico, sendo, pois histórica por excelência, enquanto o psicodrama valoriza o momento presente e a imprevisibilidade espontânea da criação. Por outro lado, desde que Marx reinterpretou a dialética, uma série de autores "marxistas" têm descrito tal processo sob a perspectiva de um total determinismo histórico, o que a vem situar numa oposição ainda maior em relação a qualquer proposta existencialista que pressuponha a espontaneidade, a criação e a liberdade. Por último, poderíamos acrescentar que as vinculações teóricas do psicodrama com o bergsonismo e com a filosofia dialógica de Buber o tornariam avesso a qualquer tentativa de leitura dialética. E aí estamos nos referindo, sem dúvida, às críticas que Bergson dirigiu a Hegel no tocante ao caráter abstrato da dialética, bem como às acusações de Buber à dialética marxista, segundo ele incapaz de propiciar o desaparecimento do Estado na sociedade comunista (1). Isso além das críticas que o próprio Moreno dirigiu tanto

ao hegelianismo (2) quanto ao próprio marxismo, chegando, em alguns textos, inclusive a negar a existência das classes sociais. Como, por exemplo, quando afirmou: "Sociometricamente não há algo como uma classe, classe capitalista, classe média ou classe proletária.

O conceito de classe é mitologia pré-sociométrica. O que um estudo sociométrico de tais grandes massas de pessoas, como classes, poderia revelar é uma porção real - um complexo de ilhas microscópicas de estruturas interpessoais e intergrupais aqui e ali e uma vasta organização política preconceituosa ligando as peças conjuntamente" (3). Após todas essas considerações, cabe, pois, perguntar sobre o porquê dessa nossa insistência em querer rever as relações entre o psicodrama e a dialética. E a resposta é que uma das funções, se não a principal, de um trabalho de reflexão filosófica é pensar o *impensado* que existe numa determinada teoria e que o *impensado* da proposição moreniana é justamente a *história*, história que, conforme pretende-

mos demonstrar, aparece modulando a experiência psicodramática, apesar de Moreno nunca tê-la tematizado em suas elaborações teóricas. Cabe também perguntar se essa história, presente no psicodrama sob a forma de um processo, pode, de fato, encontrar fundamentação filosófica nas concepções bergsonianas e nas proposições de Martin Buber - teorias estas às quais aprendemos a associar Moreno ou se, para tanto, teria que recorrer à dialética. Por fim, cabe também examinar se, de fato, a polêmica entre Kierkegaard e Hegel cria uma oposição entre o existencialismo e a dialética, impedindo qualquer aproximação entre os dois movimentos filosóficos.



Mas, comecemos por descrever a forma como a história se faz presente e se revela na experiência psicodramática. Primeiramente diremos que ela aparece como *história individual* e que sua aparição se dá quando nos deparamos com a primeira vivência transferencial do paciente. Nesse momento nos damos conta de que aquela forma de relação, que se estruturou como um papel repetitivo e que modela até hoje a existência daquele sujeito, não surgiu por obra do acaso mas em função de uma certa história de vida, inscrita no âmbito de uma certa estrutura familiar. Isto é demonstrável pelo próprio psicodrama que, através de sua metodologia específica, permite-nos, inclusive, apreender dramaticamente o momento histórico da estruturação daquele papel e da articulação de sua repetição em nível transferencial. Mas no momento em que esta história individual se nos revela e que apreendemos o *locus* familiar onde se constituiu, somos lançados numa nova pergunta. O que levou esta família a se estruturar dessa forma específica e não de outra? E, no contato com outras histórias individuais e com outras famílias, quando deparamos com o emaranhado de ideologias, de normas e de tabús que as constituem enquanto estruturas familiares, somos, de repente, lançados no *Esprito de uma Época*; sentimos, então, que aquela estrutura familiar também não é obra do acaso, mas expressão de uma certa cultura, de uma certa sociedade, de um certo *momento histórico*. E, no horizonte da *história individual*, surge-nos, com todo o seu peso estruturante e modelador, a *História Coletiva*. Entretanto, nesse ponto, já vemos o quanto a conceitualização moreniana é insuficiente. Pois, se a teoria da espontaneidade-criatividade pode nos dizer algo sobre a conservação de uma determinada forma de papel e se a sociometria permite-nos, inclusive, descrever a estrutura familiar que lhe deu origem, ambas são mudas em relação ao porquê da *especificidade constitutiva* daquele papel e daquela estrutura familiar. E isto porque a teoria moreniana se cala sobre tudo o que diga respeito ao

processo histórico e suas articulações concretas. Mas a história também se mostra na experiência psicodramática através de um outro ângulo: o do *processo psicodramático*. Quando acompanhamos o movimento criador que impulsiona o acontecimento psicodramático, temos a impressão de vê-lo descer às profundezas do drama, arrebentar as correntes do seu "script" e lançá-lo numa direção nova e indeterminada. E então vem-nos a ilusão de que esse passo existencial, que consegue transcender as determinações do passado para recuperar o fluxo do presente, termina por situar a existência à margem da história. Puro engano. É necessário nos desvencilharmos dessa concepção superficial de história que a descreve no âmbito do puro determinismo.

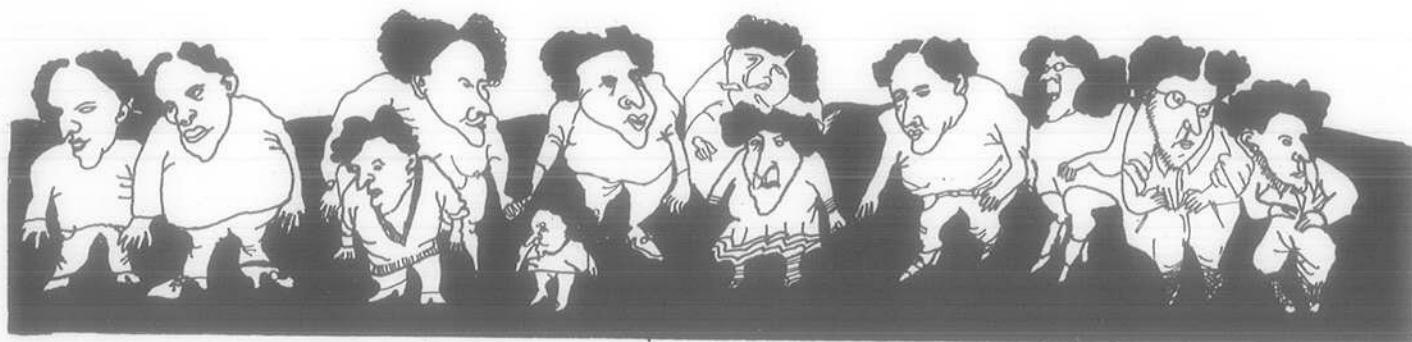
A história faz-se, fundamentalmente, pela constante superação de uma situação de fato; não é enquanto passivo e alienado no sistema capitalista que o proletariado faz a história, mas justamente quando atinge a consciência revolucionária capaz de lançar a sociedade em direção a uma nova ordem. É isso que Marx nos ensinou: que destino histórico e liberdade são conceitos interdependentes e que o advento de um se faz pelo advento do outro. É claro que o psicodrama e toda a sociatria moreniana, apesar de debruçados sobre a História Coletiva, conseguem, tão somente, agir sobre a história individual ou, quando muito, sobre a história grupal e que seu esforço está em constante choque com o das instituições, que tendem a reincorporar em seu acobertamento alienante o passo de libertação e transcendência existencial empreendido pelos sujeitos. É, pois, uma utopia pensarmos que a prática moreniana teria instrumentos para promover, por si só, uma revolução da sociedade e, nesse sentido, afetar a História Coletiva. Entretanto, isso não quer dizer que o projeto psicodramático não recupere algo dessa tensão coletiva e que não empreenda um esforço muito à semelhança daquele que Marx descrevia no âmbito das classes sociais.

Quando Marx nos fala do proletariado e de sua missão histórica, ele o descreve como uma espécie de porta-voz do drama coletivo. O sistema capitalista e o processo de alienação não afetam somente a classe proletária, mas também a classe burguesa. O que ocorre é que somente na existência proletária as contradições poderiam atingir um nível capaz de desmascarar o sistema, produzir a revolução e conduzir a sociedade a uma nova ordem. Se a classe burguesa encontra-se tão alienada e reificada pelo valor abstrato do capital quanto a classe proletária, a sua alienação representa uma forma de poder; esse poder, mantido através de posições e papéis "dignificantes", funciona no sentido de mascarar as contradições de sua existência e dar-lhe uma aparência de existência humana. Já a classe proletária terminará por perceber seu existir como uma forma de não-ser, dado que os papéis e as máscaras, com o acirramento das contradições, não seriam mais capazes de ocultar o caráter inumano de sua vida, explodindo e fazendo emergir a consciência revolucionária. Por isso o proletariado pode tornar-se o porta-voz do drama social ou, usando uma linguagem psicodramática, o *protagonista da sociedade*. Ora, o que ocorre numa sessão de psicodrama é algo análogo: o drama circula pelo grupo e é comum a todos; entretanto ele vai explodir e se fazer verdade através daquele indivíduo cujos papéis não são mais capazes de mascarar a ruína existencial em que se encontra: o *protagonista*. Mas, como exatamente isso acontece?

Poderíamos dizer que os papéis encobrem o drama existencial e o imobilizam por sob uma máscara de equilíbrio aparente. Nesse sentido, a relação entre os papéis e o drama, nesse primeiro momento, é a de oposição e a de negação. Entretanto, os papéis existem única e exclusivamente em função do drama e, na medida em que seu encobrimento nega a existência do drama, isso gera contradição, pois a negação absoluta do drama significa a negação de si mesmos enquanto papéis e, conseqüentemente, a liberação absoluta do

drama. Esse percurso dialético define, basicamente, o processo de aquecimento no psicodrama; há uma mobilização que faz ecoar o drama, aumentando a oposição e a dissimulação dos papéis e acirrando a contradição capaz de libertar o drama. Surge, então, o protagonista e tem início a dramatização, onde irá ocorrer, propriamente, a conclusão da dialética. O drama impõe-se, então, como absoluto, exprimindo-se e desdobrando-se através dos papéis, que aparecem agora como que dominados e articulados pelo drama, servindo ao seu movimento de expressão. Mas é justamente no momento em que se põem a serviço do drama que os papéis podem reencontrar seu locus, seu "status nascendi" e sua matriz original, ou seja, sua *inscrição histórica*, pois foi no interior do drama que foram produzidos e foi em função de contingências desse mesmo drama que, posteriormente, se desarticularam de sua matriz original e passaram a se repetir mecanicamente, deslocados no espaço e no tempo. Assim, reproduzindo as contingências situacionais de sua produção, reencontrando seus referenciais históricos, os papéis podem, finalmente, se fazer consciência, reescrever o drama e lançar a existência em direção a novas formas de relação. Estas são, a nosso ver, as articulações dialéticas do processo psicodramático; através delas podemos ver como os papéis, que tinham se separado e se alienado do drama humano como uma espécie de superestrutura encobridora da verdade existencial, voltam a se descobrir como um mero produto histórico, rompendo o processo de alienação e fazendo emergir a liberdade. Mas, poderíamos perguntar, é realmente necessário recorrermos a Hegel e a Marx para descrever esta dimensão histórica do processo psicodramático?

Pensamos que sim, pois os referenciais filosóficos aos quais Moreno se apegou são, a nosso ver, incapazes de descrever o fenômeno em questão. O bergsonismo, por exemplo, justamente por recusar a dialética, catalogando-a de racional e abstrata, jamais conseguiu dar



conta da história. Para Bergson, a temporalidade e, conseqüentemente, a criação, permanecem circunscritas à consciência individual, à espiritualidade, à subjetividade mística; somente indivíduos muito específicos, como os grandes artistas e os místicos, seriam, segundo ele, capazes de reencontrar o fluxo criador do *élan vital*, coincidir com ele e traduzi-lo numa nova atitude e numa nova doutrina a ser disseminada pela sociedade. Não existe, pois, possibilidade de uma criação coletiva, não existe *história*; à vida social cabe, simplesmente, receber os ensinamentos que a criação individual do místico poderia lhe outorgar. Quanto ao hassidismo, embora tenha surgido como um movimento histórico e de implicações políticas, terminou por se perpetuar na obra de Buber simplesmente como uma cosmologia. Buber nos fala da relação primordial Eu-Tu, de sua deterioração na experiência Eu-isso e da possibilidade da redescoberta da totalidade primordial através do Encontro. Entretanto, não existe caminho lógico que conduza da experiência à relação, existe um abismo, só transponível pelo mistério da graça divina. Existe, pois, criação, queda e ressurreição; não existe *história*. Isso se torna bastante claro, por exemplo, no seu livro *O Socialismo Utópico*, onde Buber critica a prática revolucionária marxista sem uma única linha de análise crítica da concepção de história proposta por Marx, sem sequer esboçar uma tentativa de nos dizer qual é a *sua* concepção de história. E quando, no final do livro, propõe a sua utopia socialista, reaparece-nos o mesmo abismo: como atingir a proposta buberiana partindo das instituições capitalistas, da alienação reinante e tudo o mais? Buber não nos diz; ele se cala nas questões que dizem respeito à história.

Por fim, caberia, ainda, mostrar em breves palavras que não existe oposição real entre o existencialismo e a dialética. Merleau-Ponty, num excelente artigo em que comenta Hegel (4), mostra-nos, justamente,

que o Hegel criticado por Kierkegaard e por Marx é o Hegel do fim, aquele que pretendeu resolver os dilemas da história simplesmente através das idéias, como o desenvolvimento puro e simples de uma lógica; este é o Hegel idealista, mas o mesmo não se pode dizer do Hegel de 1807, o Hegel da *Fenomenologia do Espírito* que não pretendia nada mais nada menos do que descrever o esforço empreendido pelo homem para se reencontrar. Este Hegel, nos diz Merleau-Ponty, é um Hegel fundamentalmente existencialista. Quanto ao marxismo, não é preciso dizer o quanto influenciou e marcou o existencialismo francês, especialmente as obras de Sartre e Merleau-Ponty, originando, nesses autores, um existencialismo fundamentalmente dialético. Isso sem falar no profundo respeito com que Heidegger se referia a Marx, cuja concepção de história era, segundo ele, superior às outras, justamente pelo fato de tematizar o fenômeno da alienação (5). É, pois, nessa convergência entre os dois movimentos filosóficos, existencialismo e dialética, que se situa, a nosso ver, o movimento psicodramático; como uma recuperação do mesmo esforço empreendido no seio da História Coletiva, como uma expressão dessa mesma busca de transcendência e de criação que faz da existência humana um contínuo vir-a-ser, que torna esse vir-a-ser efetivamente uma história.

Alfredo Naffah Neto

- (1) Ver Buber, M. *O Socialismo Utópico*, ed. Perspectiva, São Paulo, 1971, caps. VIII e IX.
- (2) Moreno, J. L. "Existencialismo, análisis existencial y psicodrama" in *Las bases de la psicoterapia*, Hormé, B. A., 1967, pág. 339.
- (3) Moreno, J. L. *Sociometry, Experimental Method and the Science of Society - An approach to a New Political Orientation*, Beacon House Inc., Beacon, N.Y., 1951, pág. 163.
- (4) Merleau-Ponty, M. "L'existencialisme chez Hegel", in *Sens et Non-Sens*, ed. Nagel, Paris, 1966, 2ª parte, cap. I.
- (5) Heidegger, M. "Carta sobre o Humanismo", in *Os Pensadores*, vol. XLV, ed. Abril, São Paulo, 1973, pág. 360.

O Psicodrama da Esfinge



Moreno, o criador do Psicodrama, tem se inspirado, na elaboração de muitas técnicas, em temas mitológicos ou costumes de povos da antiguidade. "Muitos métodos psicodramáticos, diz ele, por mais estranhos e fantásticos que possam parecer, podem ser ligados a costumes e usos de culturas antigas. Já foram objeto de evocações nas fábulas e contos da Literatura Universal".

Entre outros podemos citar: A loja mágica de Papai Noel, a inversão de papéis tirada do Método Sócrático, a técnica do espelho extraída de Hamlet, a dublagem em Dostoiewski. Diz Moreno que apenas se limitou a descobrir as idéias e adaptá-las com objetivos terapêuticos.

Como resultado de alguns anos de pesquisas, conseguimos reconstituir o que é provavelmente o significado verdadeiro da Esfinge, ou melhor os seus significados. O resultado deste trabalho e suas aplicações são numerosas; trataremos aqui, mais especialmente, do uso do significado da Esfinge no Psicodrama; conseguimos elaborar uma técnica que intitulamos o *Psicodrama da Esfinge*.

Para facilitar a compreensão do uso desta técnica, iremos em primeiro lugar resumir os trabalhos preliminares que nos levaram a reconstituir os mais prováveis significados da Esfinge.

A Esfinge como Modelo Sócio-Psico-Somático

A importância, o número, o tamanho às vezes gigantesco, a dispersão geográfica e sua permanência através de vários milênios (há provas de que a de Giseh já existia em 6.000 a.C.), levou alguns autores a rejeitar a interpretação geralmente dada, de que as esfinges seriam apenas Deuses, perpetuação da lembrança de Faraós ou mesmo simples motivos decorativos.

Segundo estes autores, a Esfinge teria antes de tudo um valor Simbólico. Seria o Símbolo da Unidade: Unidade Espírito-Matéria no Plano do Macrocosmo e Unidade Espírito e Corpo no plano do Microcosmo Humano, ou ainda Unidade Animal-Homem, Instinto-Espírito, ou Força-Inteligência.

Os nossos estudos nos levaram a levantar a hipótese de que as Esfinges significaram tudo isto e muito mais. Vamos a seguir resumir as razões que nos levaram a estas idéias:

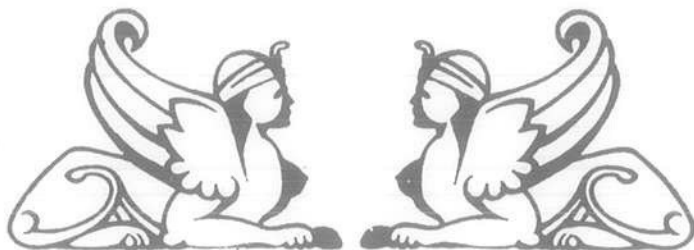
1.º — A existência de *interpretações exotéricas e esotéricas* em praticamente todas as religiões da antiguidade, mostra a possibilidade das Esfinges serem ao mesmo tempo um Símbolo Divino para o povo, e ter um significado científico, reservado para os Sacerdotes e Sábios. Os Vedas, Baghavad Gitá, Bardo Th'odol, a Bíblia, tem as suas interpretações esotéricas, em grande parte sintetizadas na Cabbala.

2.º — *A permanência através de quatro a seis mil anos* ou mais, dos animais que compõem as esfinges sempre junto dos elementos de maior simbologia iniciática nos templos: As pirâmides e Templos do Egito, Assíria, Babilônia, Caldea e depois os Querubins que guardam a Árvore da Vida da Genose, Arca da Aliança de Moisés, o Tabernáculo de Salomão e são reencontrados na Cabbala. Os quatro animais da Esfinge aparecem insistentemente como simbolizando inúmeros Deuses Indús, Egípcios, Gregos, Romanos, sem contar o seu aparecimento no sonho de Ezequiel, e como Símbolo dos Apóstolos de Cristo.

3.º — A Simbologia geralmente encontrada na Antiguidade e conservada até os nossos dias em relação aos quatro principais animais da Esfinge; pode ser resumida da seguinte forma:

O Boi: Reprodução sexual, vida vegetativa, digestão, instinto, obediência, trabalho físico.

O Leão: Impulsividade, Coragem, Emoção, Sentimento, Agressão, Dominação.



A Águia: Inteligência, Acuidade, Poder de impor as leis e definir o Bem e o Mal, Evolução.

A Serpente: Situada no Uraeus no nível do Cérebro dos Faraós simbolizava: Força criadora energética ou Energia Cósmica, Poder Kundalini despertado nos exercícios da Yoga, Poder de canalizar a energia com fins de revelação da Consciência Cósmica. (3)

4.º — A existência da "*Árvore da Vida*" que aparece em todas as religiões antigas, e cuja interpretação esotérica aponta como sendo um sistema cosmológico que inclui um sistema numerológico comum ao Macrocosmo (Universos) e ao Microcosmo (Homem). Nesta numerologia, sintetizada nos Sefiroths da Cabala e na Yoga principalmente, aparecem:

A Unidade (Do Cosmos e do Homem) simbolizada pelo Círculo Solar Egípcio, a Serpente que se morde a cauda, o Círculo do Yin-Yan Chinês, o Adonal Echod Judeu etc...

A Dualidade (Da bipolaridade: Positivo-Negativo) simbolizada pelo Yin e o Yan Chinês. (Branco-Preto, Bem-Mal, Amor-Ódio, Masculinidade-Feminidade, Dominância-Submissão, etc...etc...)

A Trindade (Positivo-Negativo-Neutro, Brahma-Vishnou-Siva, Pai-Filho-Espírito Santo, Corpo físico-Corpo astral-Corpo mental, Endodermo-Mesodermo-Ectodermo, Tipo Sangüíneo-Emotivo-Nervoso, etc...etc...etc...)

A Quaternidade (Quatro Pontos Cardinais, os aspectos quaternários de muitas divindades como Horus, princípio superior regendo a Trindade, Tetragrammon Judáico do Nome de Deus (JHVH); o Quaternário Carateriológico de Jung: Intuição, Sentimento, Percepção, Razão, etc...).

5.º — A coincidência da variação do número de Animais nas Esfinges com esta variação numerológica e com o significado das classificações Cosmológicas no que se refere o Homem tomado como Microcosmos.

6.º — A existência nestas *Cosmologias* de princípios em acordo com os dados da *Ciência Atual*: A existência de fonte energética, de uma hierarquia anátomo-fisiológica, as correlações e a unidade sômatopsíquicas, a relatividade e o interrelacionamento das partes num todo unificado, as leis que regem as partículas atômicas e os Universos formando uma Unidade. Mais particularmente a Psicologia Evolutiva, Reflexologia, Psicanálise, Biotipologia, vem ao encontro do Modelo da Esfinge. (4)

Todos estes aspectos foram analisados por nós num trabalho que nos levou a considerar a Esfinge como Símbolo de um Modelo Psico-Somático da constituição de Homem. (2)

No que se refere à elaboração da técnica Psicodramática propriamente dita inspiramo-nos também, além da Esfinge nos seguintes elementos.

1.º — Experiências preliminares em que usamos, em Psicodrama, a técnica de Dublagem múltipla: um Ego Auxiliar representava o Super-Ego, o outro Ego-Auxiliar representava o Id.

2.º — A Técnica Psicodramática da "Visita ao Jardim Zoológico", em que cada membro do grupo se identifica com um animal e depois analisa as suas vivências em grupo.

3.º — Esculturas e pinturas Egípcias que representam vários seres compostos de cabeça de Animal e corpo de Homem como se fossem "Ego-Auxiliares" em dublagem, atrás das costas de um Deus ou de um Faraó. (Em geral são animais simbolizando Deuses e talvez também aspectos carateriológicos da Esfinge).

4.º — O Modelo Freudiano clássico: Id, Ego, Super-Ego.

5.º — A distinção de Skinner entre Comportamento Reflexo e Operante e suas noções de Auto-Contrôle, Autoconhecimento e Agências Controladoras, assim como a de Síndrome de Ativação provocada por Estímulos Aversivos.

6.º — O Modelo Moreniano de Papéis Sociais. Vamos a seguir passar a expor a técnica propriamente dita.

METODOLOGIA DO PSICODRAMA DA ESFINGE

OBJETIVOS

1. Dar ao protagonista e ao grupo a vivência da sua Unidade Psicossomática.

2. Dar conhecimento ao protagonista das grandes instâncias psíquicas que compõem a sua Personalidade e regem a sua vida quotidiana.

3. Permitir ao protagonista um maior auto-conhecimento através de tomada de consciência dos seguintes fatos:

— O conflito freqüente entre os papéis psicossomáticos e os papéis sociais, entre o seu superego e seu id, ou ainda entre cadeias operantes incompatíveis.

— Da possibilidade do Ego ter as seguintes alternativas:

Ser dominado pelas instâncias psíquicas ou papéis, ou condicionamentos.

Conviver com elas, aceitando-as, e ou ...

Dominar e canalizá-las ou sublimá-las.

— Da introjeção dos comportamentos parentais no superego (Freud) ou dos condicionamentos operantes e dos principais estímulos aversivos ansiogênicos e reforços provindo dos parentes (Skinner) e provocando uma generalização de estímulo (Skinner) ou transferência (Freud, Thorndike) ou da origem dos diferentes papéis sociais (Moreno).

4. Propiciar ao protagonista a oportunidade de abreviar eventos passados reconstituindo contigências antigas de condicionamentos operantes, diagnosticar os seus estímulos aversivos, identificar as pessoas que os geravam; fazer a catarsis de agressões e ansiedades reprimidas no passado e ligadas aos estímulos aversivos e pessoas emissores.

5. Reforçar o Ego do Protagonista, ajudando-o:

— A tomar decisões a respeito das suas tensões interiores.

— A distinguir decisão própria resultante de um autoconhecimento, ou apenas respostas operantes ou reflexos resultantes de um automatismo alienante.

— A aprender que pode voluntariamente gastar Energia num dos níveis da Esfinge, e que a sublimação na realização de valores superiores resulta em canalização da energia em atividades de nível hierarquicamente mais elevadas.

CAMPOS DE APLICAÇÃO (PERSPECTIVAS)

O Psicodrama da Esfinge nos parece poder oferecer resultados bastante promissores, sob reserva de comprovações experimentais, nos seguintes campos do Psicodrama:

— Como técnica de "Warming-Up", quando o grupo está verbalizando problemas de relações de autoridade, sentimentos de culpabilidade, conflitos entre o amor e o dever, entre o instinto e a moral, etc. ... Neste caso a cena inicial da escova de dentes me parece a mais apropriada.

— No "Psicodrama Analítico", como recurso para tomadas de consciências, abreações de conflitos, e reforçamento do EU.

— Em "Psicodrama individual", coadjuvante à Psicanálise.

— No "Psicodrama" clássico, no momento julgado oportuno pelo diretor.

— Na "Formação" de Psicólogos, visando a vivência das grandes "Instâncias Psíquicas" do EU, ou da formação de "Cadeias de Comportamentos Operantes" como demonstração das teorias de Skinner no ser Humano.

— No estudo experimental retrospectivo da formação de um condicionamento humano. (Escovar os dentes por exemplo).

— No Psicodrama de criança e adolescentes, seja como finalidade terapêutica ou didática (Aulas de elementos de Psicologia) por exemplo.

— No "Psicodrama" aplicado a círculos de Pais e professores para demonstração da importância e formação das instâncias psíquicas.

RECOMENDAÇÃO

Estamos aqui descrevendo potencialidade do uso do Psicodrama da Esfinge, sem podermos afirmar categoricamente nada, pois as nossas primeiras experiências foram feitas em alguns dos campos acima descritos; por isto mesmo recomendamos muita prudência no seu uso que deve ser exclusivamente reservado para Psicodramatistas experimentados e, se possível analisados.



— O uso do Método, tal como passamos a descrevê-lo a seguir, nas mãos do Psicodramatista, é suscetível de adaptações e variações no "Hic et Nunc", características de toda e qualquer técnica de Psicodrama. As linhas a seguir constituem apenas um guia, bastante flexível; o Psicodramatista precisará, no entanto, ficar bem imbuído dos Objetivos acima descritos, da Simbologia específica da Esfinge e de certos pontos chave específicos do Psicodrama da Esfinge. Quanto ao resto, o Psicodrama da Esfinge deve ser usado dentro da Metodologia geral do Psicodrama.

MATERIAL NECESSÁRIO

Como se usa espaço tridimensional, na ausência de um podium convém ter uma escada, de três degraus. Além disto um mapa com a esfinge esboçada, com as suas quatro partes.

USO DA TÉCNICA

Para aplicar a técnica corretamente é necessário seguir as seguintes fases.

1.º — Mostrar o *mapa da Esfinge* e dar explicações que contêm as seguintes noções:

— A esfinge representa, na realidade, como somos feitos, o nosso corpo e a nossa mente.

— Ela é constituída de vários animais; em geral (mostrar no mapa) pés de boi, tórax de leão, cabeça humana, asas de Águia.

— Indicar as correspondências Físicas, Fisiológicas e Psicológicas, usando-se o mapa.

Nota: No caso de inexistir o mapa, pode-se usar quadro negro, ou instalar logo os Ego-Auxiliares apresentando-os como as partes da Esfinge, junto com o protagonista que neste caso representará o homem. Neste caso há uma fusão das fases 1 e 2.

2.º — Dizer que para simplificar, vamos apresentar ao grupo (ou ao protagonista se já estiver presente), *apenas um animal e uma ave*. Que o Animal pode se transformar em Boi ou Leão conforme as circunstâncias, e a ave representará a Águia, mas que poderá também ser um papagaio (automático) ou um pombo, ou ainda um anjo.

Dar então a idéia de que cada um de nós tem dentro de si vários animais e aves; fazer isto da seguinte forma:

— O Psicodramatista se coloca junto à escada, em pé.

— Chama a Ave para subir na Escada e ficar acima dele.

— Chama o Animal para ficar sentado na escada abaixo dele, agarrado nas suas pernas.

— A Águia apoia uma das suas asas na cabeça do Psicodramatista, e a outra asa (braço) fica ereta no ar. Em suma se coloca em posição psicodramática de Águia.

3.º — Dizer ao grupo que o Psicodrama nos fornece uma rara oportunidade de conhecer melhor os animais que estão dentro de nós a fim de poder melhor conviver com eles ou mesmo dirigi-los conscientemente, ou pelo menos evitar ser dominado por eles.

Perguntar quem gostaria de tentar isto, representando a cena de "escovar os dentes". Aguardar apresentação de voluntário.

4.º — Colocar o protagonista na posição anterior do Psicodramatista. Importante nesta fase é:

— O Animal e Águia fazerem sentir corporalmente a sua presença (Pressão leve de cima pela Águia e lateral pelo Animal).

— Sincronicamente com a demonstração física dos seus Ego-Auxiliares, o Psicodramatista diz ao Protagonista que os animais fazem parte dele: "Você os sente? Não é? Eles estão sempre presentes em você... "Você gostaria agora de ouvi-los um pouco? Sim?"

5.º — Propor ao Protagonista uma cena bastante anódina: Escovar os dentes depois de se ter levantado de manhã. Fazer o *warming-up*. Situar-lo Psicodramaticamente no tempo e no espaço.

6.º — Nesta fase várias alternativas de dublagem podem ser escolhidas pelo Psicodramatista, conforme os objetivos que tem em mira, durante o que o protagonista escova os seus dentes.

Alternativa "a":

O Animal e a Águia, começam a verbalisar o que eles sentem que deve se passar na mente do Protagonista, em relação ao ato de Escovar os dentes. Podem até entrar em diálogo ou em conflito.



Esta maneira de fazer tem apenas um valor de warming-up, de demonstração didática, ou pode ser usada quando não se quer ir em maior profundidade, limitando-se aos objetivos 1 e 2.

Alternativa "b":

Além do passo "a", isto é, quando os dois Ego-Auxiliares tiverem acabado a sua verbalização, pergunta-se ao protagonista, como ele sentiu esta cena.

"Quem, na sua infância lhe ensinou a escovar os dentes? Você se lembra?"

A partir daí pode se entrar num Psicodrama de exploração do Passado, com todas as modalidades e variedades técnicas já existentes.

Os Ego-Auxiliares (Ave e Animal) ficam junto à escada, mas podem a qualquer momento intervir, seguindo técnicas correntes de Ego-Auxiliar, porém dentro do seu papel de animal ou de ave.

Esta alternativa leva a um Psicodrama em profundidade dentro dos Objetivos 3, 4, 5.

Alternativa "c":

Enquanto o protagonista escova os seus dentes, pede-se para fazer um solilóquio do que ele sentiu e pensou naquele dia em que ele escovava os dentes.

Os Ego-Auxiliares intervêm quando oportuno durante ou depois do solilóquio, em função do conteúdo deste.

Cabe ao Psicodramatista continuar ou não com um Psicodrama em profundidade, conforme os objetivos que se tem em mira ou conforme o seu "contrato" com os clientes.

Alternativa "d":

Durante as alternativas precedentes, se o Protagonista não concordar com os seus Ego-Auxiliares, pode se fazer uma inversão de papéis, o Protagonista tomando o lugar do Animal ou da Águia ou dos dois sucessivamente.

Nota: esta Alternativa nos mostrou a possibilidade de fazer um Psicodrama da Esfinge sem Ego-Auxiliares, usando fantoches ou mais simplesmente símbolos de madeira que o Protagonista toma na mão; ou ainda a própria posição espacial, servindo, como último recurso simbólico. Isto pode se fazer na impossibilidade de se ter Ego-Auxiliares.

7.º — Depois de qualquer uma das alternativas, é muito importante voltar à escada e reconstituir a esfinge inicial com as seguintes medidas:

— No caso "a", convém perguntar ao protagonista como ele se sente, e mostrar-lhe, mais uma vez que ele forma uma unidade, um conjunto de Animais que ele João, agora que está mais consciente da sua existência pode tentar dirigir melhor. Abrir margem, para outro Psicodrama onde se poderá fazer aprendizagem disto.

— Nos outros casos, é muito importante, se possível e oportuno, auxiliar o protagonista a fazer a ligação entre os seus educadores dramatizados e a Ave. "Então Papai ou Mamãe, ou o seu Professor está dentro de você... não é? Onde está ele ou ela? No Animal? Na Águia?". Eis uma forma de abordar o assunto com o Protagonista. Até agora observamos relativa rapidez de identificação das introjeções no Super Ego (Ave) do Protagonista.

Pode-se perguntar também: "De tudo o que você viveu até agora, quem lhe lembre a Águia?".

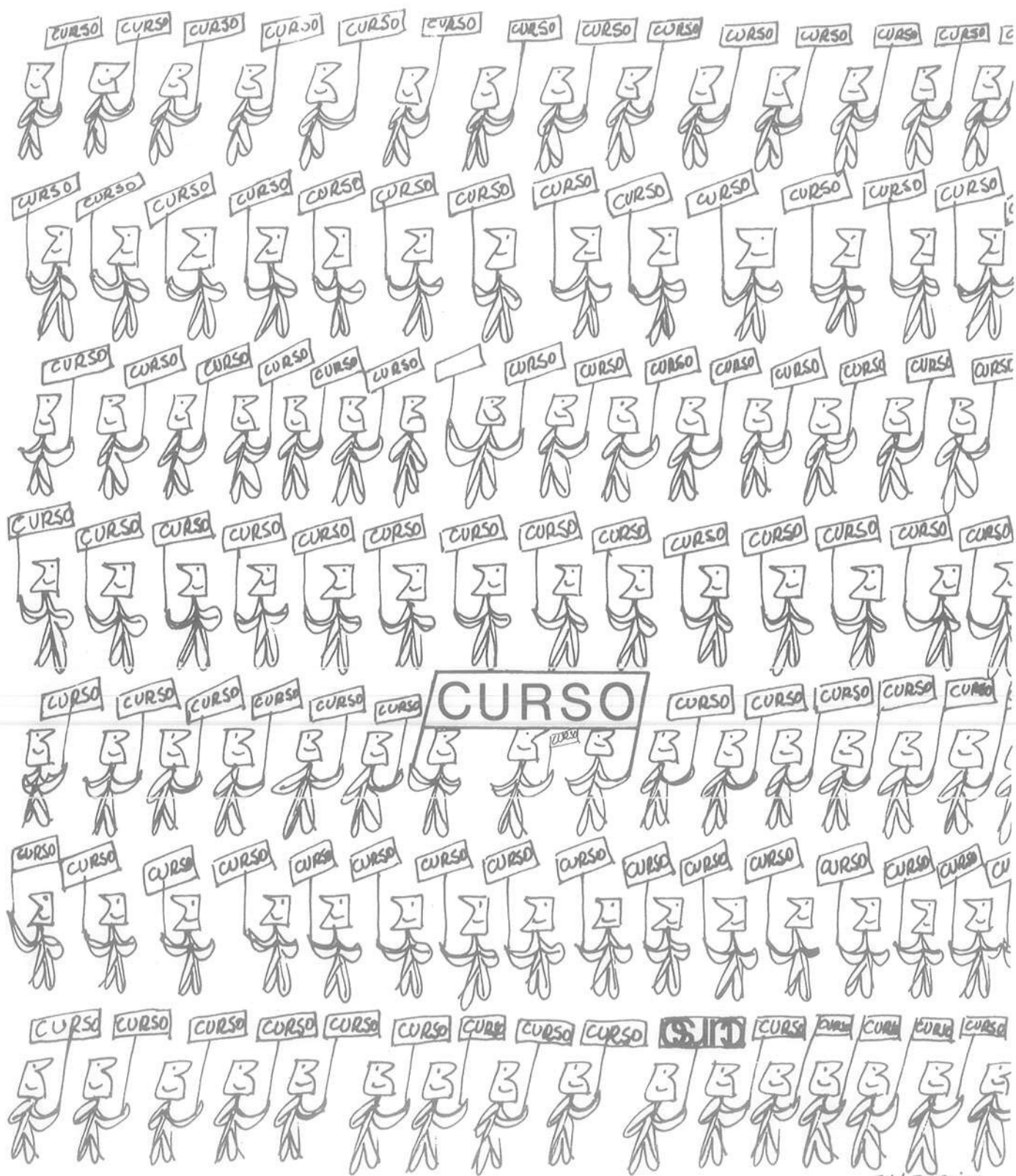
É uma fase importante de tomada de consciência da introjeção parental (Freud), da Alienação ao Super Ego rígido (Caruso) ou de Modelagem de Comportamentos pelas Agências Controladores Familiares (Skinner).

8.º — Seguem-se então as fases finais de um Psicodrama clássico, com a expressão de sentimentos pelo grupo, Ego-Auxiliares e finalmente ainda uma vez o Protagonista.

Pierre Weil

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. MORENO J.L. "Psicoterapia de grupo e Psicodrama". Mestre Jou. São Paulo. 1974.
2. WEIL P. "A Esfinge, Estrutura e Mistério do Homem". Itatiaia. Belo Horizonte. 2.ª Edição. No prelo para 1977.
3. WEIL P. "A Mística do Sexo". Itatiaia. Belo Horizonte. 1976.
4. WEIL P. "A Consciência Cósmica". Vozes. Rio. 1977.
5. WEIL P. "Psychodrama of the sphinx". Group Psychotherapy and Psychodrama. Vol. XXIV. No 3-4, 1971. Beacon House. New York.



RUY PEREIRA

Conselho estabelece normas para funcionamento de cursos

Nas conclusões dos trabalhos do Conselho Normativo e Fiscal — CNF — da Federação Brasileira de Psicodrama (Febrap), as normas básicas estabelecidas para o funcionamento dos Cursos de Formação de Psicodramistas de suas entidades federadas, são as seguintes:

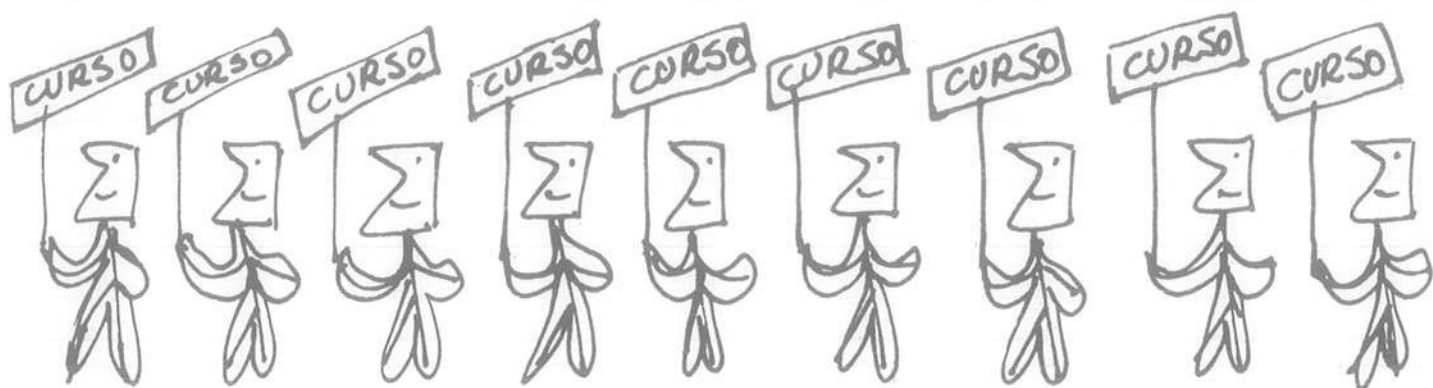
Em cada Entidade Federada devem ser estabelecidos *Cursos* — como formação, suficiente e proporcional a um bom exponencial técnico-científico — e *Institutos* — como de dinâmica, ampla e constante, justamente para subsídio às fases finais de conclusão de seus respectivos cursos, seja no simples atendimento de pacientes, seja na obtenção paralela de material uniforme para a supervisão dos alunos em sua última etapa de treinamento e aprendizado. Acata e aconselha, também, este Conselho Normativo e Fiscal, no desdobramento dos citados Cursos e Institutos, sejam utilizadas, como facilitadores-econômicos e como assessores-práticos, as mais diferentes formas de intercâmbio e ajuda mútua entre as próprias Entidades Federadas, outras entidades congêneres, instituições universitárias, centros de estudo e pesquisa, etc, desde que sempre na pertinência da base ideológica e das metas especializadas que são o lastro estatutário e regimental da FEBRAP, em geral, e do CNF, em particular.

Critérios para a Admissão de candidatos. — Os candidatos à admissão aos Cursos de Formação de Psicodramatistas, devem ser, básica e preliminarmente, graduandos ou graduados em Medicina ou Psicologia, cumpridas as normas vigentes da legislação em vigor, segundo os textos e exigências dos códigos brasileiros. *Critérios para a Seleção dos candidatos.* — Tais candidatos devem ser, obrigatoriamente — nas Entidades Federadas Titulares, e, opcionalmente, nas Entidades Federadas Aspirantes — selecionados, para o ingresso definitivo nos respectivos Cursos de Formação, por meio de técnica psicodramática, através entrevistas individuais e/ou abordagens grupais.

Critérios para a execução da Terapia dos Alunos. — Será exigível para todos os alunos dos Cursos de Formação, terapia em técnica psicodramática, realizável em um mínimo de 240 (duzentas e quarenta) horas, ao decurso de três anos e concomitante com o desenvolver do próprio curso teórico-prático, devendo esta terapia prevalecer na forma grupal e sendo ainda desejável venha a exceder, em prazo e limites, no seu conjunto global, a este período básico.

Critérios para a execução da Supervisão dos Alunos. — A supervisão formativa do trabalho psicodramático grupal de cada aluno dos Cursos, deverá ser efetuada a partir do terceiro ano teórico-prático, por um período mínimo de 120 (cento e vinte) horas e segundo os elementos de um processamento hierárquico a ser definido no item seguinte.

Critérios de escalonamento das equipes formativas. — A) *Psicodramatista* — formado por Entidade Federada ou congêneres, dentro das exigências estatutárias e regimentais da FEBRAP e do CNF, especialmente no relacionado a seus módulos de formação e a seus gabaritos curriculares; B) *Professor de Aluno* — B-1 — *Professor Colaborador* — para matérias afins, simplesmente convidado, segundo critérios especiais e necessidades particulares, pela própria Entidade Federada; B-2 — *Professor Regular* — de técnica psicodramática, sendo basicamente, psicodramatista formado e que esteja em exercício profissional específico; C) *Terapeuta de Aluno* — formado por Entidade Federada à FEBRAP, ou por Entidade reconhecida pela FEBRAP, ou possuindo experiência em terapia psicodramática da mesma forma também reconhecida pela FEBRAP, possuindo grupos em disponibilidade para esta sua tarefa peculiar, e,



complementarmente, tendo feito Supervisão posterior à sua conclusão de curso — por um período mínimo de 160 (cento e sessenta) horas, exequíveis, também, no período mínimo de dois anos. Considerando-se características próprios à uma próxima conclusão de curso por algumas turmas de alunos em diferentes Entidades Federadas — no caso e no momento, as Entidades Sócio Aspirantes Fundadoras — e no ensejo de corresponder à uma ampla e intensiva promoção atual do Psicodrama no Brasil, será admitido, excepcional e transitoriamente, sob a égide deste Conselho Normativo e Fiscal, que seus atuais formandos em Psicodrama possam assumir a terapia de alunos de uma seguinte turma de alunos em formação, enquanto, concomitantemente, façam a citada Supervisão; D) *Supervisor*. — será exigido o preenchimento das condições gerais expressas para o Professor Regular e para o Terapeuta de Aluno, e mais, em acréscimo, possua o Supervisor três anos de trabalho psicodramático efetivo, após a obtenção do título de Psicodramatista, e tenha apresentado, em Congresso de Psicodrama, ao menos um trabalho científico correlato à matéria, e significando sempre, em qualquer nível, uma reflexão de experiências psicodramáticas definidas.

Crêterios de constituição do currículo básico para os Cursos de Formação. — Deverá este currículo se dispor em três partes fundamentais, segundo os componentes e os tempos nele desdobrados.

Primeira parte: Psicodrama teórico. — Neste primeiro item os alunos estudarão os princípios teóricos, conceitos e filosofia morenianos, incluindo-se a Sociometria. *Carga horária mínima* — 80 (oitenta) horas.

Segunda parte: Processo psicodramático. — Com esta expressão são referidos todos os elementos teórico-práticos concernentes à atividade psicodramática, bem como a seu manejo e instrumentação. Neste item estudar-se-á: Sessão de Psicodrama, Técnicas, Esquema de Papéis, Objeto Intermediário, Teoria dos Núcleos do Eu, Elementos de Psicopatologia sob o ângulo psicodramático, Estudo e Treinamento de "Psicodramas especiais" (psicodrama de família, casal, psicóticos,

etc), Role playing de Diretor e de Ego-auxiliar. *Carga horária mínima* — 80 (oitenta) horas.

Terceira parte: Contribuições ao Psicodrama. Recursos auxiliares. — Este terceiro item dará possibilidades às Federadas de introduzirem, a seu critério, outras teorias e conceitos, não necessariamente psicodramáticos, mas que sejam julgados de importância para a formação dos psicodramatistas.

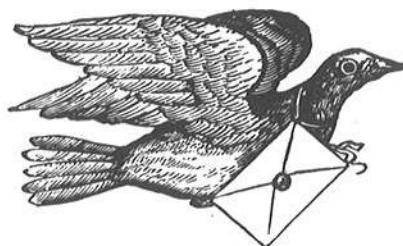
Este tópico permitirá, portanto, que as federadas incluam livremente os conhecimentos suplementares e/ou complementares que creiam tenham sentido ou valor no enriquecimento de seus especialistas. Assim sendo, dividiu-se este item em dois subtítulos, que são os seguintes:

1 — *Contribuições ao Psicodrama*: sob esta denominação entender-se-á a possibilidade de se justaporem ao currículo-padrão o estudo de elementos de Etologia, Antropologia, Neurofisiologia, Psicologia Social, Sociologia, Teoria da Comunicação, Dinâmica de Grupo, Psicanálise, Gestalterapia, Behaviorismo, Bioenergética, etc;

2 — *Recursos auxiliares*: sob esta denominação entender-se-á a vivência obrigatória de trabalhos que englobem a Expressão Corporal, o Treinamento Sensorial e os Jogos Dramáticos. *A carga horária mínima para todo este item (contribuições ao Psicodrama mais recursos auxiliares) é de* — 80 (oitenta) horas.

Crêterios para a Conclusão dos Cursos. — Cumpridas, sob jurisdição particular de cada Entidade Federada, estatutária e regimentalmente todas as demais exigências da FEBRAP, deverá o candidato à conclusão do Curso de Formação de Psicodramatista, apresentar um trabalho sobre Psicodrama, a ser julgado por uma Comissão de Avaliação composta, pelo menos, de três membros, e sendo estes, no mínimo, um Supervisor e dois Professores.

Para a execução de tal trabalho é também exigido seja o mesmo realizado sob a orientação de um Supervisor ou Professor, de livre escolha do próprio candidato, e que será, então, necessariamente, um dos membros da Comissão de Avaliação.



Carta ao Leitor

A Sociedade de Psicodrama de São Paulo e a Associação Brasileira de Psicodrama e Sociodrama, são os protagonistas de uma dinâmica psicodramática brasileira. Todas as entidades que respondem aos chamados dos protagonistas, formam o grupo. O espaço cênico é todo o Brasil. É um grupo auto-dirigido, onde os diretores são emergentes pela disposição e disponibilidade.

Todo o aquecimento é no sentido da integração dos psicodramatistas brasileiros, para uma dramatização grupal, cuja resultante é esta Revista e em maio próximo, o Iº Congresso Brasileiro de Psicodrama. Os "sharings" acontecem à medida que a dramatização prossegue. O processamento será na Assembléia Geral, onde emergirão novos diretores para a próxima gestão bienal da FEBRAP.

O Brasil é um dos países que contam com o maior número de psicodramatistas no mundo. A FEBRAP é a entidade que congrega o maior número de profissionais, através de núcleos associados. Esta Revista é o veículo que faz o intercâmbio científico-sócio-cultural entre tais psicodramatistas.

Esta Revista, concretizando a representatividade nacional, tem seu sucesso assegurado (desde que todos colaborem ativamente em igualdade de condições).

Içami Tiba

Livros: Indicações

Nesta seção, algumas indicações de livros básicos sobre Psicodrama, especialmente dirigidos a estudantes dessa área. Os interessados poderão também enviar sugestões de bibliografia para serem publicadas nesta seção.

"FUNDAMENTOS DE LA SOCIOMETRIA"

MORENO, J.L.

Ed. Paidós, Buenos Aires,
1972, 2ª edição.

Jacob L. Moreno (1892-1973) produziu três grandes criações: a Sociometria (1932), a Psicoterapia de Grupo (1931) e o Psicodrama (1923 e 1932). A obra moreniana é rica, multidisciplinar e aberta à (re)leitura e interpretações. Trata-se de uma produção densa e de grande amplitude, que se apresenta, por vezes, de forma dispersa e mesmo repetitiva. Dentro de uma linha de coerência filosófica, o autor retoma e redefine, ampliando ou restringindo, várias conceituações e elaborações. Ao leitor é exigido um trabalho de garimpagem, exame e confronto conceitual que permita um entendimento global da obra. Por outro lado, alguns aspectos teóricos requerem exploração mais demorada por parte dos estudiosos.

Estão se desenvolvendo, de forma mais sistemática, (re)leitura da produção moreniana procurando ordenar e desenvolver a teoria a partir de conceitos e posicionamentos assumidos por Moreno. Essas investigações têm permitido a divulgação e o debate das interpretações dos escritos do autor. A sociometria, cuja importância é hoje reconhecida em diversos países e círculos profissionais, desempenha um papel importante na análise e compreensão dos trabalhos de Moreno.

O livro em questão reúne as contribuições fundamentais do fundador da sociometria elaboradas ao longo de décadas. O prefácio à edição fran-

cesa merece especial atenção por posicionar a 'disciplina da ação' no contexto das ciências sociais e situar a importância histórica da sociometria na combinação dialética entre a construção de "sistemas sociais cuidadosamente elaborados" e a "idéia de uma ação social planejada aplicada experimentalmente a grupos restritos" (p.18). Deste modo, Moreno procura fundamentar cientificamente a sociometria, atribuindo-lhe um lugar central no campo das ciências humanas. Essa disciplina da ação, conforme o autor, desempenha papel fundamental em relação ao Sociodrama, o Psicodrama e a Psicoterapia de Grupo. Ainda neste prefácio, as referências básicas dessa disciplina aparecem ampliadas, em relação a várias passagens do livro, ao incorporar não só *socius* e o *metron*, mas também o drama. Aliás, é clara a proposição da sociometria como fio condutor para a leitura compreensiva de sua obra.

As partes referentes a aplicação do teste sociométrico, a elaboração dos resultados e a construção dos sociogramas são fontes básicas para os estudiosos e todos que trabalham com o Psicodrama. Moreno capta com extrema sensibilidade as motivações para as escolhas interpessoais. Ao lado do consistente trabalho empírico, está explícito, em diversos capítulos, o posicionamento utópico de reforma da humanidade, cuja expressão mais elevada é a proposição da sociatria como forma de intervenção.

Algumas das características básicas da sociometria em seu estágio recente estão condicionadas pelo seu criador que a tomou ora como técnica, ora como postura metodológica e científica, destacando-lhe, circunstancialmente, o caráter de medição ou de tratamento qualitativo das relações humanas em grupo. O livro em questão é testemunha do fascínio do autor pelos aspectos quantitativos da convivência humana.

A divulgação da sociometria, através de estudos e pesquisas, ressaltou e aprofundou seus recursos técnicos, ocorrendo uma relativa estagnação ou mesmo um empobrecimento de seus fundamentos teóricos. Foram aceitas sem a devida crítica a medição como elemento substantivo e a proposta moreniana da relação linear entre os fenômenos de grupo e a coletividade. Em outras palavras, o quantitativo deixou de ser referência e via de acesso para o trabalho com os conteúdos das relações interpessoais e grupais, para se tornar fim último, do qual resultaria nova organização dos grupos.

Partindo-se da proposta de Moreno formulada no prefácio da obra e presente em outros textos, a sociometria pode ser vista como uma disciplina, um campo de conhecimento que possibilita o desvendamento da complexidade das relações interhumanas, revelando a pessoa e o grupo em suas essências dentro, e a partir, dos seus contextos sócio-culturais. O



LAS PALABRAS DEL PADRE (tradução)

J.L.MORENO

Editorial Vancu — Buenos Aires —
1976

desafio é deslindar e explicar os elementos sinteticamente condensados nas interrelações sociais, com objetivo de intervenção. A sociometria, incorporando os conhecimentos das ciências humanas, é a disciplina nuclear que investiga e elabora a partir da ação, transformando em prática esses conteúdos para servir ao indivíduo e ao grupo no cotidiano. A convergência entre a teoria e a prática, ao nível micro-social e pessoal, propiciam base científica à sociometria para sua intervenção no campo das relações humanas. O Encontro (plano filosófico-existencial) e a Tele (plano psico-social) são fundantes de sua constituição teórica. A pedra angular, como afirma Moreno, é a doutrina da espontaneidade e da criatividade.

A tarefa é ambiciosa, na medida em que implica desenvolver a proposta de Moreno em plenitude, dando consistência a sociometria como teoria da ação, método de pesquisa dos grupos humanos e fundamento explicativo para o Psicodrama, o Rol Playing, a Psicoterapia de Grupo. Mas acreditamos ser possível desta forma unir a verdade, que está na totalidade, com a praxis humana, que embora viva e criativa, está sufocada no nosso cotidiano.

A.GONÇALVES SANTOS

Em sua Sexta Conferência, publicada em "Las Bases de la psicoterapia" Moreno refere-se a "uma das formas mais heróicas do existencialismo", o "seinismo" (sein-ser), a ciência do ser, com seu expoente John Kellmer de Viena que para sentir uma existência singular abandonou a carreira universitária e de filósofo para se dedicar à vida do campo, de modo livre e autêntico. E para descrever a filosofia daquele grupo existencialista, Moreno publicou uma série de escritos anônimos que teriam se constituído, segundo ele próprio, no ponto de partida para o aparecimento da sociometria, da psicoterapia e do psicodrama. "As palavras do Pai" é um desses trabalhos anônimos, hoje dado à publicidade em língua espanhola pelo Editorial Vancu de Buenos Aires. A Edição original saíra em 1920. (Das Testament des Vaters) e a primeira edição nos EEUU (The Worlds Of the Father) em 1941. São 362 páginas de prosa e poesia divididas em 6 (seis) capítulos: o prefácio, as próprias palavras de Deus, conceitos empregados em "as próprias palavras de Deus," teologia da Divindade, as orações do povo e sumário.

Neste livro o autor coloca-se em uma situação de narrador personagem, onde o personagem é, simplesmente, Deus.

Foi talvez esse livro que lhe tenha valido a pecha de paranóico, pois, sem conhecer a sua história e as im-

plicações de sua filosofia pessoal, ao leitor menos avisado é permitido resvalar do espanto à ironia.

Entre as obras de Moreno esta é considerada a mais original e a que de modo global traduz o seu pensamento.

Sem dúvida, a leitura, reflexão e crítica desse livro é imprescindível a todos os que trabalham com o Psicodrama, pois graças a publicações como essa pode-se reconhecer que há muito mais coisas atrás das técnicas propostas por Moreno...

A leitura tem que ser feita sem os condicionamentos de nossas conservas, sem preconceitos de qualquer ordem, numa verdadeira disponibilidade télica.

Como diz Bustos no prefácio a esta edição: "Quien entre en las páginas de este libro debe hacer-lo desde su apertura espontanea, liberando su creatividad, su locura, su miedo, su megalomania. Es un dialogo, no un monologo. Preparemonos para discutir con el y con El, para enfrentarlo, negarlo, tocarlo, odiarlo y amarlo".

Wilson Castello de Almeida

Federação Brasileira de Psicodrama

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICODRAMA - FEBRAP
SEDE: SÃO PAULO — Rua Dr. Seng, nº 43

DIRETORIA

Dr. Içami Tiba	presidente
Psic. Alfredo Naffah Neto	vice-presidente
Dr. Carlos Alberto Saad	1º secretário
Dr. Vitor Roberto da Silva Dias	2º secretário
Psic. Lais Machado	tesoureira
Psic. Liliam Baroni Pinheiro	suplente
Psic. Suzana Domingues de Castro	suplente

CONSELHO NORMATIVO E FISCAL

Dr. José de Souza Fonseca Fº	São Paulo
Dr. Waldeck B. de Almeida	Salvador
Dr. José Theobaldo Diefenthaler	Porto Alegre
Psic. Amarilis Pontedeiro	São Paulo
Psic. Helio Koscky/Dr. Pierre Weil	Belo Horizonte
Psic. Maria Rita Seixas	Brasília
Dr. Manoel D'Alessandro	São Paulo
Dr. Alfredo Correia Soeiro	São Paulo
Dr. Iedo R. Borges	Ribeirão Preto
Psic. Nelly Klein do Valle	Curitiba

- ASSOCIAÇÃO BAHIANA DE PSICODRAMA E PSICOTERAPIA DE GRUPO
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICODRAMA E SOCIODRAMA
- ASSOCIAÇÃO BRASILIENSE DE PSICODRAMA E SOCIODRAMA
- ASSOCIAÇÃO CAMPINEIRA DE PSICODRAMA E SOCIODRAMA
- ASSOCIAÇÃO DE PSICODRAMA DO INSTITUTO "SEDES SAPIENTIAE"
- ASSOCIAÇÃO SUL-RIOGRANDENSE DE PSICODRAMA
- CENTRO PARANAENSE DE ESTUDOS PSICODRAMÁTICOS
- GRUPO DE ESTUDOS DE RIBEIRÃO PRETO DA SOCIEDADE DE PSICOTERAPIA, DINÂMICA DE GRUPO E PSICODRAMA
- INSTITUTO BRASILEIRO DE PSICODRAMA
- INSTITUTO DE PSICODRAMA DE RIBEIRÃO PRETO
- SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOTERAPIA, DINÂMICA DE GRUPO E PSICODRAMA SEÇÃO REGIONAL BELO HORIZONTE
- SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOTERAPIA, DINÂMICA DE GRUPO E PSICODRAMA SEÇÃO REGIONAL RIO DE JANEIRO
- SOCIEDADE DE PSICODRAMA E PSICOTERAPIA DE GRUPO DE CAMPINAS
- SOCIEDADE DE PSICODRAMA DE SÃO PAULO



**I CONGRESSO BRASILEIRO DE
PSICODRAMA — FEBRAP**

24 a 28 de maio de 1978

**GRANDE HOTEL PAVANI
SERRA NEGRA — SÃO PAULO**

Inscrições nas entidades federadas